

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Eduarda dos Santos Silva

Desdobramentos da lógica colonial de dados articulados por *big techs* através de tecnologias educacionais na Universidade Federal de Santa Catarina durante a pandemia de COVID-19.

Florianópolis

2023

Eduarda dos Santos Silva

Desdobramentos da lógica colonial de dados articulados por *big techs* através de tecnologias educacionais na Universidade Federal de Santa Catarina durante a pandemia de COVID-19.

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Leticia Cesarino

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

dos Santos Silva, Eduarda

Desdobramentos da lógica colonial de dados articulados por big techs através de tecnologias educacionais na Universidade Federal de Santa Catarina durante a pandemia de COVID-19. / Eduarda dos Santos Silva ; orientador, Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino, 2023.
65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Antropologia. 3. Capitalismo de vigilância. 4. Colonialismo de dados. 5. Capitalismo universitário. I. Costa da Nobrega Cesarino, Leticia Maria. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Antropologia. III. Título.

Eduarda dos Santos Silva

Desdobramentos da lógica colonial de dados articulados por *big techs* através de tecnologias educacionais na Universidade Federal de Santa Catarina durante a pandemia de COVID-19.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Antropologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Antropologia

Local Florianópolis, 13 de Fevereiro de 2023.



Coordenação do Curso

Banca examinadora



Prof^a Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino, Dr^a.

Orientadora

Instituição UFSC



Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.

Avaliador

Instituição UFSC



Virgínia Squizani Rodrigues, Ma

Avaliadora

Instituição UFSC

Dedico este trabalho a todas e todos que valorizam a universidade pública, gratuita e de qualidade, e que prezam por sua autonomia.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de começar meus agradecimentos sem citar os donos dos abraços mais afetuosos, cheios de cuidado, amor e apoio de meus pais Julio Cesar e Vera Lucia. Vocês são os meus maiores exemplos de dedicação e força, e devo a vocês muito da minha motivação para concluir este ciclo. Essa conquista é nossa.

Aos amigos que esses anos de graduação me presentearam, e que levarei para vida. Com vocês partilhei a maior parte das experiências que sem dúvidas me transformaram em diversos sentidos durante essa jornada. Aos trancos e barrancos, mas com muita risada, fofoca e afeto. Agradeço também aos amigos que não vivenciaram a vida acadêmica comigo, mas que sempre estiveram presentes.

Aos professores que se dedicam a compartilhar o conhecimento que nos é tão valioso. Descobri mundos com cada um que tive o prazer de conhecer. Em especial, agradeço à professora orientadora deste trabalho, a qual admiro imensamente seu trabalho e que para minha felicidade topou me acompanhar nessa finalização do curso.

À minha psicóloga, que mostrou o quão importante é acolher meus anseios e vibrar pelas pequenas e grandes vitórias. Além de mostrar que tenho tudo o que preciso. Agradeço também pela vida dos meus suportes emocionais não humanos, Madalena, Maguie, Spike, Ivar e Frodo Alberto.

Por fim, agradeço imensamente a todos que fizeram parte das memórias que construí nesses últimos anos.

RESUMO

O presente trabalho busca evidenciar os avanços das práticas neoliberais que se articularam dentro das universidades públicas através de tecnologias educacionais oferecidas por *big techs*, de forma gratuita, durante a pandemia de COVID-19. Esta investigação foi guiada pelas metodologias de análise exploratória e pesquisa qualitativa em profundidade e semi-estruturada, através de comunicados realizados pelo Portal de Notícias da UFSC, e entrevista com estudantes da mesma universidade, trazendo em certa medida a perspectiva da comunidade acadêmica sobre o assunto. Com os resultados foi possível entender como o ensino público superior brasileiro têm se tornado refém da lógica mercadológica neoliberal no momento em que cria vínculos com iniciativas privadas, neste caso, representadas pelas empresas com maior concentração de lucro do mercado. Para composição do referencial teórico, foram abordados os conceitos de capitalismo universitário, desenvolvido por Boaventura de Souza Santos, colonialismo de dados, trazido por Nick Couldry e Ulises Mejias, e o de capitalismo de vigilância de Shoshana Zuboff.

Palavras-chave: antropologia digital; capitalismo de vigilância; colonialismo de dados; COVID-19; capitalismo universitário.

ABSTRACT

The present work seeks to highlight the advances of neoliberal practices that were articulated within public universities through educational technologies offered by *big techs*, free of charge, during the COVID-19 pandemic. This investigation was guided by exploratory analysis methodologies and in-depth and semi-structured qualitative research, through announcements made by the UFSC News Portal, and reports from some students from the same university. With the results, it was possible to understand how Brazilian public higher education has become hostage to the neoliberal marketing logic at the time it creates links with private initiatives, in this case, represented by companies with the highest concentration of profit in the market. To compose the theoretical framework, the concepts of university capitalism, developed by Boaventura de Souza Santos, data colonialism, brought by Nick Couldry and Ulises Mejias, and the one on surveillance capitalism by Shoshana Zuboff.

Keywords: digital anthropology; surveillance capitalism; data colonialism; COVID-19; university capitalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nota oficial do MEC.....	16
Figura 2 – O ciclo de reinvestimento do valor comportamental.....	25
Figura 3 – Divulgação da campanha de exigências estudantis para a retomada as aulas.....	29
Figura 4 – Adesão das universidades federais brasileiras aos serviços GAFAM.....	34
Figura 5 – Pacote da Microsoft disponibilizada pela UFSC.....	37
Figura 6 – Nota do MEC sobre o Futuro-se.....	39
Figura 7 – Nota de repúdio aos cortes nas universidades públicas.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ERE	Ensino Remoto Emergencial
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
GAFAM	Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
LAI	Lei de Acesso à Informação
SUNY	State University of New York
IHU	Instituto Humanitas Unisinos
DCE	Diretório Central de Estudantes
EAD	Ensino a Distância
APG	Associação de Pós-Graduandos
CUn	Conselho Universitário
CCP	Coordenadoria de Capacitação de Pessoas
PRODEGESP	Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas
PROEX	Pró-reitoria de Extensão
SEAD	Secretaria de Educação à Distância
PIAPE	Programa de Apoio Pedagógico aos Estudantes
IdUFSC	Sistema de Gestão de Identidade da UFSC
APUFSC	Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina
SEPLAN	Secretário de Planejamento e Orçamento da UFSC
LAVITS	Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONTEXTUALIZAÇÃO: DEFINIÇÃO DO TEMA E PANDEMIA.....	16
1.1 Aspectos metodológicos.....	18
1.2 O campo.....	22
1.3 Referencial Teórico.....	23
2 ENSINO REMOTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS.....	27
2.1 Processo de decisão da retomada das aulas não-presenciais na UFSC.....	28
2.1.1 Relação dos docentes com as tecnologias educacionais.....	30
2.1.2 Relação dos discentes com as tecnologias educacionais.....	32
2.2 Adesão das tecnologias educacionais oferecidas pelas big techs na UFSC.....	34
3 UNIVERSIDADES FEDERAIS COMO SOLO FÉRTIL PARA COLONIZAÇÃO DE DADOS.....	42
4 CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A.....	51
APÊNDICE B.....	54
APÊNDICE C.....	57
APÊNDICE D.....	61

INTRODUÇÃO

A construção da presente pesquisa acontece no contexto de retomada das atividades presenciais acadêmicas, após dois angustiantes anos de isolamento, ocasionados pela pandemia de COVID-19¹. Ao olhar para esse passado recente, é possível perceber algumas das técnicas articuladas pelo neoliberalismo no campo da educação, e que se fortaleceu na esfera *online* através de tecnologias educacionais durante esse período. A partir disso, encontrei nessa problemática o interesse de desenvolver a pesquisa. Neste caso, trago a temática como sendo uma das diversas ações neoliberais que têm colocado em risco a autonomia das universidades públicas e da comunidade acadêmica. Como contribuição, procuro estender a reflexão a respeito da entrada de empresas privadas nos espaços públicos de ensino, e de que forma isso pode afetar a autonomia e o conhecimento científico produzido nas universidades.

Considerando que tivemos que limitar nossos contatos e relações ao formato remoto, os processos de *ensino-aprendizagem* (SEGATA, 2004) também sofreram modificações, na medida em que os encontros passaram a ser realizados através de telas. Este momento foi bastante desafiador para a comunidade acadêmica, principalmente para docentes e discentes. Além de lidarmos com o fato de vivenciar uma das maiores crises sanitárias mundiais durante o governo Bolsonaro, o qual foi extremamente negligente quanto às medidas de proteção contra a contaminação do vírus Sars-Cov-2 no país, nos vimos frente aos desafios de manter as atividades acadêmicas durante esse período.

Uma das medidas implementadas pelo governo na época foi o ERE² (Ensino Remoto Emergencial), como estratégia pedagógica para diminuir os impactos do isolamento no âmbito educacional. Porém, a medida ocasionou uma série de fatores que fragilizam o processo de conhecimento desenvolvidos nas universidades, principalmente pelo fato de ter sido tomada sem planejamento e preparo em relação às tecnologias que seriam adotadas para as transmissões e mediações das aulas. Um dos pontos a serem observados, o qual coloco como central nesta investigação e análise, foi justamente a adesão de instituições públicas às tecnologias educacionais disponibilizadas por grandes empresas, especificamente as GAFAM³ (Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft). Essas empresas representam o

¹ "Coronavírus (COVID-19)"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/doencas/coronavirus-covid-19.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2022.

² UFPR, "ERE - Ensino Remoto Emergencial", CIPEAD. 2020. Disponível em: <http://www.cipead.ufpr.br/portall/index.php/cipead/periodo-especial-ufpr/ere-ensino-remoto-emergencial/>

³ ILHA "Gigantes da tecnologia: Você conhece o GAFAM?". Disponível em: <https://www.ilhatecnologia.com/gigantes-da-tecnologia-voce-conhece-o-gafam/>

oligopólio⁴ da internet, ou seja, possuem amplo controle de mercado, considerado de concorrência imperfeita. Isso quer dizer que são elas que marcam o desequilíbrio entre oferta e demanda do mercado.

No início do semestre letivo na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), universidade que escolhi como campo para o desenvolvimento deste trabalho, a adesão a essas tecnologias ocorreu de maneira bastante inacessível, inclusive, sem conhecimento da comunidade acadêmica. A negociação entre a universidade e as empresas GAFAM se articulou de forma silenciosa e sem debate público. Na época, principalmente a Google/Alphabet⁵ e a Microsoft justificaram a oferta dos seus serviços como sendo uma alternativa que facilitaria o ensino e aprendizagem dos alunos, de forma gratuita⁶.

Desde o início da pandemia do novo coronavírus, foi perceptível o agravamento de “ataques silenciosos” arquitetados pela lógica mercadológica e neoliberal às instituições públicas de ensino. Segundo David Harvey (2005), o avanço do neoliberalismo se deu da seguinte forma:

O processo de neoliberalização, no entanto, envolveu muita “destruição criativa”, não somente dos antigos poderes e estruturas institucionais (chegando mesmo a abalar as formas tradicionais de soberania do Estado), mas também das divisões do trabalho, das relações sociais, da promoção do bem-estar social, das combinações de tecnologias, dos modos de vida e de pensamento, das atividades reprodutivas, das formas de ligação à terra e dos hábitos do coração. Na medida em que julga a troca de mercado “uma ética em si capaz de servir de guia a toda ação humana, e que substitui todas as crenças éticas antes sustentadas,” o neoliberalismo enfatiza a significação das relações contratuais no mercado (HARVEY, 2008, p.11).

A partir disso, é possível notar esse “processo de neoliberalização” que o autor aborda operando em diversas frentes no movimento de desmonte e precarização da educação pública brasileira, muito antes de 2020, início da pandemia. Fazendo um recorte recente, em 2016, no governo do ex-presidente do Brasil Michel Temer, as universidades públicas passaram a enfrentar o impacto da Emenda Constitucional 95/2016,⁷ que determinou o teto

⁴Oligopólio: seu significado e principais características – Blog Capital Research. Disponível em: <<https://capitalresearch.com.br/blog/oligopolio/>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

⁵ Alphabet é a holding responsável pela Google. Tudo sobre Alphabet - História e Notícias. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/alphabet-inc/>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

⁶Google encerra Drive ilimitado e universidades buscam alternativas. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/216882-google-encerra-nuvem-ilimitada-universidades-buscam-alternativas>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

⁷ Planalto. “Emenda Constitucional n°95”. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm

de gastos públicos vigorado por 20 anos. A medida desconsiderou as baixas taxas de crescimento econômico e demográficos, que viriam a ser ocasionadas por uma pandemia nos anos seguintes.

A partir daquele momento, cada vez mais o sucateamento das instituições públicas de ensino se tornaram mais evidentes. No capítulo “Universidades Federais brasileiras a serviço da lógica colonial de exploração de dados” presente no livro *Colonialismo de dados*, organizado por João Francisco Cassino, Joyce Souza e Sérgio Amadeu da Silveira, Mariella Batarra (2022, p.134) aponta que a entrada da GAFAM nas universidades públicas demonstra a articulação dos conceitos de *capitalismo universitário*,⁸ trazido por Boaventura de Souza Santos, de *colonialismo de dados*⁹ trazido por Nick Couldry e Ulises Mejias, e de *capitalismo de vigilância* de Shoshana Zuboff, que serão destrinchados nos capítulos seguintes. Os três conceitos apresentam a atuação do neoliberalismo através das *big techs* na manipulação dos nossos dados e vigilância do nosso comportamento.

O Observatório Educação Viggiada¹⁰, iniciativa para incentivar o debate a respeito da plataformização da educação pública no Brasil, constata que:

O crescimento na oferta de serviços e softwares informacionais às instituições públicas de ensino de forma “gratuita” pelas maiores empresas de tecnologia de dados do mundo – representados aqui pelo acrônimo GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft) – tem em grande parte, como contrapartidas, a coleta, o tratamento, a utilização e a comercialização de dados comportamentais de seus usuários. Trata-se de uma relação obscura e que leva a um grande potencial de violação da privacidade de alunos, professores, gestores e outros atores escolares. (OBSERVATÓRIO EDUCAÇÃO VIGGIADA, 2021 [s.d])

Refletindo sobre a precarização da universidade pública, Boaventura de Souza Santos, através do conceito de *capitalismo universitário* identifica a entrada das *big techs* como abertura de margem para a penetração do regime neoliberal nas universidades. Essa entrada é conduzida pelo discurso de que a universidade pública autônoma é falha por não

⁸LORCA, Javier: “*Capitalismo Universitário*”. Site IHU 15/06/2018 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579979-boaventura--de-sousa-santos-destrincha-o-assedio-neoliberal-as-universidades>

⁹ CASTILHO, Carlos: “*O colonialismo de dados prepara a versão digital do capitalismo*”. Medium, 27/10/2018. Disponível em: <https://ccastilho.medium.com/o-colonialismo-de-dados-prepara-a-vers%C3%A3o-digital-do-capitalismo-cc78a0c9be74>

¹⁰Educação Viggiada - Sobre. Disponível em: <<https://educacaovigiada.org.br/pt/sobre.html>>.

ser empreendedora¹¹ e que “deveria ser relevante para criar as competências que o mercado exige”, se distanciando da ideia de uma universidade “para o bem comum” (BOAVENTURA, 2018). Esse ponto reforça a reflexão de que as universidades se tornam reféns da lógica mercadológica neoliberal no momento em que cria vínculos com as empresas de maior concentração lucrativa do mercado de tecnologia. No momento em que se apresentam como uma solução, utilizam desse discurso para tornar a universidade mais uma fonte de lucro, conseqüentemente transformando-a em mercadoria e os pesquisadores, em empreendedores.

Diante deste cenário, o presente trabalho busca fomentar empiricamente a discussão, com base no caso da adesão da UFSC a ferramentas das *big techs* durante a pandemia da COVID-19. Para tanto, analiso os comunicados realizados através do portal Notícias da UFSC durante o processo de aderência ao ensino remoto e às tecnologias educacionais, além de entrevistas com estudantes para entender suas vivências e percepções a respeito das tecnologias educacionais oferecidas. A fim de situar a pesquisa, o primeiro capítulo é dedicado à explicação de como encontrei o objeto, o campo e as metodologias utilizadas na construção do presente trabalho. Apresento também, nesta parte, os conceitos que se tornam fundamentais para o entendimento epistemológico das análises feitas.

No segundo capítulo, trago os resultados do levantamento feito através de análise exploratória de dados, através da consulta aos comunicados da administração da UFSC e das entrevistas com os estudantes. Os dados trazidos no capítulo demonstram como repercutiu o processo de implementação do ensino remoto e o uso das tecnologias educacionais naquela universidade. Junto aos resultados, identifico, nas medidas tomadas pela universidade e pelas falas dos alunos, pontos de contato com os conceitos fundamentais trazidos e com a problemática que a temática apresenta.

Para complemento das análises, o terceiro capítulo se dedica a entender como o processo adotado pela UFSC diante do contexto pandêmico e as percepções dos sujeitos entrevistados se apresentam como solo fértil para a colonização de dados, se consolidando como parte da cadeia exploratória da lógica mercadológica neoliberal (BATARRA, 2022). Além disso, trago algumas alternativas que se apresentam como formas de emancipação e resistência das universidades públicas às lógicas mercadológicas e coloniais que o atual cenário propõe.

¹¹ Significados. “O que é empreendedor”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/empreendedor/>

CONTEXTUALIZAÇÃO: DEFINIÇÃO DO TEMA E PANDEMIA

Um ano antes de iniciar meu contato com o estudo aqui abordado, em 2019, meu projeto de pesquisa do TCC se dedicava a realizar uma etnografia sobre os movimentos de Artivismo Feministas pelas ruas de Florianópolis. Porém, assim como a maioria dos colegas que já estavam em processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, e também aqueles que passariam por esse momento durante a pandemia, se tornou indispensável repensar os rumos que gostaria de tomar em relação ao objeto, campo de pesquisa e metodologia. Foi um momento de muitas frustrações e receios, pois até então não havia tido muito contato com trabalhos desenvolvidos *online* durante a graduação.

No início de março de 2020, o Brasil registrava 69 casos confirmados de COVID-19 e mais de 900 casos suspeitos¹². Neste mesmo dia 11 de março, o MEC (Ministério da Educação)¹³ publicou uma nota oficial dizendo que ainda não recomendava a suspensão das aulas por causa do vírus.

Figura 1: Nota oficial do MEC

NOTA OFICIAL

MEC ainda não recomenda suspensão de aulas por conta do coronavírus

Quarta-feira, 11 de março de 2020, 19h43



O Ministério da Educação (MEC) informa que tem orientado às instituições de ensino o reforço nas ações preventivas contra o coronavírus, seguindo as diretrizes do Ministério da Saúde. Neste momento, não há recomendação para suspensão de aulas.

Fonte: Ministério da Educação

¹²Últimas notícias do coronavírus de 11 de março. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-11-de-marco-gh.html>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

¹³MEC ainda não recomenda suspensão de aulas por conta do coronavírus. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=86231:nota-oficial-7&catid=33381&Itemid=86>. Acesso em: 27 jan. 2023.

O rápido avanço no número de casos logo fez com que o MEC mudasse seu posicionamento, adotando as medidas de contenção no dia 18 de março, e autorizando o ensino a distância para institutos e universidades federais. Porém, a portaria afirmou que:

será de responsabilidade das instituições a definição das disciplinas que poderão ser substituídas, a disponibilização de ferramentas aos alunos que permitam o acompanhamento dos conteúdos ofertados bem como a realização de avaliações durante o período da autorização. (MEC, 2020)

Assim que o MS (Ministério da Saúde) e o MEC decretaram o isolamento social e a suspensão das aulas presenciais, após o aumento de casos de COVID-19 no país, se instauraram as discussões a respeito de como seria o retorno das aulas não-presenciais. Na UFSC foram cerca de cinco meses até que a Administração Central se posicionasse a respeito da sua organização em função das aulas remotas. Posicionamentos como este do MEC, onde o governo federal se ausenta das políticas públicas e favorece o estado de exceção, que as iniciativas privadas avançam na invasão aos espaços públicos.

Tomada pelo desânimo, não via mais sentido em buscar outros formatos para a adaptação do tema antes proposto, já que minha maior motivação era realizar a etnografia nas ruas. Após cerca de um ano, já bastante inserida no contexto digital, influenciada pelo isolamento social e pela troca com colegas que já vivenciavam a prática de pesquisa naquele momento, passei a acompanhar as questões que se apresentavam em debates e discussões sobre Antropologia Digital. Como aponta Boelstorff (2012), à medida que foi possível observar a ascensão do uso de tecnologias digitais e, principalmente, de redes sociais, a intersecção entre o *online* e *offline* passou a oferecer fenômenos “culturalmente construídos” que devem ser observados pelo fazer antropológico. Desse modo, a área se tornou um grande incentivo para retomar o desenvolvimento do TCC, levando em consideração que a pandemia provocou fenômenos decorrentes do avanço das tecnologias digitais na vida cotidiana dos brasileiros.

Embora já estivesse determinada a realizar a pesquisa na área de Antropologia Digital, muitas temáticas ainda me atravessaram e, por isso, levou um bom tempo até que de fato definisse o tema. Foi somente na volta das aulas presenciais, através da disciplina de Antropologia Digital e de orientação, que foi definida a temática aqui proposta.

1.1 Aspectos metodológicos

Diante do contexto apresentado nesta pesquisa, me propus a utilizar métodos que permitissem realizar uma análise a partir do olhar interseccionado do *online* e *offline*. Levando em consideração que embora a grande questão que trago aqui seja vivenciada no âmbito virtual, suas nuances reverberam para o *offline*, de modo que seus efeitos sugerem o enfraquecimento da autonomia universitária não somente durante a pandemia, mas também nas condições pré e pós-pandêmicas. Antes mesmo da pandemia de COVID-19, muitas das tecnologias que vieram a tomar os espaços públicos de ensino já faziam parte da vida cotidiana, principalmente nas relações de trabalho. Segata (2020), em “A colonização digital do isolamento”, aponta que:

Faz alguns anos que eu me interesso pelas relações entre humanos, computadores e outros dispositivos conectados à internet numa fórmula sintética, o digital e os seus processos de subjetivação e de produção da vida. Em si, a pandemia pouco tem a ver com isto. Mas situações críticas que ela provoca, como a do isolamento social, parecem induzir ainda mais o uso de dispositivos conectados à internet. Os efeitos desse processo podem ser um terreno particularmente fértil para reflexões antropológicas sobre constituição de sujeito e sobre o contemporâneo (p. 163-171).

A fim de não somente evidenciar os impactos que as plataformas gerenciadas pelas *big techs* podem apresentar ao processo de ensino e aprendizagem, há outra via a ser observada. Os Estudos de Plataforma¹⁴ sugerem observar mais além, buscando entender como operam os efeitos do “complexo e assimétrico jogo de poder” (D’ANDRÉA, 2020) que se cria nesse contexto. Na medida em que essas tecnologias moldam as práticas e percepções dos usuários, estes se tornam elemento operacional dessa construção. Essa sugestão vai de encontro com o que Shoshana Zuboff traz sobre a lógica de retroalimentação que se compõe da resposta dos usuários às plataformas, a partir da esfera de dependência criada. A partir disso, é possível notar diversas nuances que as empresas utilizam para estimular o discurso de que as plataformas servem para solucionar os problemas dos usuários, como se fosse apenas boa vontade de oferecer um serviço para o bem comum. Como aponta Carlos D’Andréa (2020):

Em um trabalho pioneiro, Tarleton Gillespie (2010) discutiu como o termo “plataforma” vinha sendo estrategicamente usado por serviços como

¹⁴ D’ANDRÉA, C. F. DE B. Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. [s.l.] EDUFBA, 2020

Google e YouTube para se venderem como meros “intermediários”, isto é, como artefatos neutros que permitiriam uma circulação mais aberta e democrática de informações e serviços. Dentre os “territórios semânticos” do termo “plataforma” mencionados por Gillespie, chamamos a atenção para a dimensão infraestrutural, que remete a plataformas de trem ou metrô, e também para seu sentido político, em uma referência às (vagas) argumentações das “plataformas de governo” divulgadas nas campanhas eleitorais (p. 19).

Como ponto de partida para a construção dos ângulos de caráter reflexivo que a pesquisa propõe, utilizei referências bibliográficas compostas por conceitos que são fundamentais para serem destrinchados, e referências de apoio para a estruturação do trabalho. Os autores Shoshana Zuboff, Boaventura de Sousa Santos, Nick Couldry e Ulises Mejias, contribuem para que seja possível entender a partir de uma dimensão “macro” como acontecem os “micros” movimentos de ataque articulados pelo neoliberalismo às universidades públicas, e como reverberam na produção científica e na construção da subjetividade dos sujeitos (GOFFMAN, 1989) que ocupam esse espaço. Os autores abordados desenvolvem a reflexão de questões fundamentais que se tornaram o grande incentivo para a definição deste tema.

Diante disso, entendi que cabia a este trabalho ser, principalmente, orientado por uma análise exploratória, através dos comunicados/publicações realizados no portal de Notícias da UFSC, onde foram notificadas todas as decisões e ações da Administração Central a respeito das atividades não-presenciais. Este método permite o contato com a ordem cronológica das tomadas de decisão da UFSC a respeito das medidas educacionais, através de notícias e comunicados realizados pelas universidades durante a pandemia de COVID-19. Para coleta das informações, utilizei o próprio recurso de busca do site, aplicando palavras chaves como “coronavírus”, “COVID-19”, “ensino remoto”, “pesquisa avalia”, “Google Meet” e “plataformas educacionais”. Na medida em que eu avançava na investigação dos comunicados, apareceram dados quantitativos que se tornaram determinantes para a identificação da relação com o uso das tecnologias educacionais, experimentadas ou não, por discentes e docentes na UFSC.

Um dos desafios encontrados para a pesquisa empírica a respeito do funcionamento das negociações da UFSC com a Google, principalmente, se dá justamente pela falta de clareza e acesso sobre quais as condições para que as tecnologias educacionais fossem aplicadas. No artigo “Coletando dados sobre o Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas do ensino superior do Brasil”, Leonardo Ribeiro da Cruz, Filipe de Oliveira Saraiva e Tel Amiel (2020) apontam que as *big techs* articulam seus termos de forma que abram

brechas diante da LAI¹⁵ (Lei de Acesso à Informação), lei que permite com que os cidadãos tenham acesso a informações públicas. Além disso, os pesquisadores afirmam que existe também uma grande dificuldade de compreender os termos e políticas de privacidade, refletindo em uma espécie de ocultamento da atuação das empresas.

Após definir os métodos citados, percebi que, embora a análise exploratória feita propiciasse identificar a relação da universidade e da comunidade acadêmica com as tecnologias educacionais oferecidas durante a pandemia, esse processo se tornou temporalmente distante da vivência que tive naquele momento, considerando que se passaram dois anos entre o início da suspensão das aulas presenciais e o início do desenvolvimento dessa pesquisa. Para que fosse possível trilhar um caminho mais conciso a respeito das perspectivas dos estudantes, se tornou essencial retomar a relação da vivência dos alunos com as tecnologias educacionais, para além dos dados que encontrei no portal de Notícias da UFSC.

Assim, com a ideia de ouvir os discentes que tiveram aulas mediadas pelas plataformas GAFAM, decidi aplicar uma pesquisa qualitativa em profundidade e semi-estruturada, retomando suas experiências e interações com as diferentes tecnologias e, também, suas perspectivas a respeito dos efeitos que cada uma delas pode ter na construção do conhecimento e autonomia da universidade pública, através de entrevistas individuais. Passou pelas minhas considerações realizar a pesquisa através de grupos focais, porém, optei pelos relatos individuais para que não houvesse influências nas percepções de cada um. Embora, por outro lado, os grupos focais pudessem estender a discussão, essa minha preferência foi por ouvir atentamente cada um dos entrevistados e suas próprias lembranças.

Como não é possível retornar àquele momento para investigação (e agradeço muito por isso), me vi diante de uma das grandes questões que envolvem a prática da pesquisa antropológica, a do distanciamento e familiaridade (VELHO, 1987). Arrisco abordar essa discussão neste contexto, já que ela se apresenta em uma dualidade. Acredito que vale a reflexão a partir da intenção que tenho de me distanciar enquanto estudante da universidade que vivenciou esse momento e enquanto pesquisadora. Embora eu tenha familiaridade com o campo, há diversos fatores que, enquanto pesquisadora, também são descobertos. Gilberto Velho (1987) aponta que “O próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a

¹⁵Aspectos Gerais - Lei de Acesso à Informação. Disponível em: <<https://www.gov.br/acessoainformacao/pt-br/perguntas-frequentes/aspectos-gerais#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2012.527%2F2011>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

cultura possibilita uma dimensão nova da investigação científica, de consequências radicais - o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente” (p. 128).

Durante a pandemia, particularmente, pouco me atentei para as medidas tomadas especificamente sobre as tecnologias educacionais. Naquele momento havia muitas preocupações em torno “simplesmente” do que seria nossa vida dali para frente. No momento em que comecei a pensar sobre as definições metodológicas, me preocupei em retomar aquilo que como estudante, sem o olhar antropológico, passou despercebido. E isso, por si só, já propõe um distanciamento epistemológico que considero interessante de ser retomado e observado.

O outro distanciamento que a reflexão propõe é justamente o fato de que a pesquisa se dá no *online*, mas que também se enquadra na perspectiva de que não somente o *offline* permite que possamos identificar e analisar nuances de movimentos culturais e sociais que estão sendo construídos (CESARINO, 2018).

Ao determinar o perfil dos convidados para a pesquisa, minha ideia era realizar as entrevistas com alunos e professores que vivenciaram desde o início o isolamento social e o processo de implementação do ensino remoto. Portanto, uma das limitações para a escolha dos participantes foi que a pesquisa somente poderia ser realizada com aqueles que já estavam na universidade antes do semestre letivo de 2020.1, semestre em que foi implementado o ERE. Esse critério não se tornou um obstáculo, pois de qualquer forma a ideia era concentrar num pequeno número de pessoas, focando os esforços em aprofundar no que cada participante pudesse contribuir. Inicialmente, planejei convidar cinco alunos e pelo menos três professores para aplicar a pesquisa. Porém, os rumos mudaram quando enviei convite para cinco professores e não obtive retorno de nenhum, acredito que por influência do período de férias da universidade. Dos cinco estudantes que convidei, obtive resposta positiva de quatro deles. Me preocupei então, em realizar as pesquisas somente com os alunos para que houvesse tempo hábil de analisar os relatos, não descartando a possibilidade de desenvolver uma pesquisa somente com os professores em trabalhos futuros, pois sem dúvidas são de grande importância para a temática do trabalho.

O convite para participar da entrevista foi com estudantes com os quais eu ainda não havia conversado sobre o assunto que se desenvolve aqui, mas com quem já havia tido contato. Isso contribuiu para a agilidade do recrutamento, feito por WhatsApp e Instagram. Como indica Bordieu (1999), em certa medida, a familiaridade entre o entrevistado e entrevistador pode ser vantajosa por deixar o entrevistado mais à vontade em suas contribuições. No convite, expliquei um pouco do tema da pesquisa, o motivo do meu

contato, o tempo de mais ou menos 30 minutos e o formato em que seria realizada. O ambiente utilizado para realizar a entrevista eu deixei a critério do convidado, conforme sua disponibilidade. Isso resultou em três entrevistas realizadas presencialmente e duas entrevistas *online*, através do Google Meet, por preferência dos entrevistados.

Quadro 1 - Estudantes participantes

Participante	Área de graduação
C.	Sistemas da Informação
S.	Antropologia
J.	Psicologia
G.	Antropologia

Fonte: Elaboração da autora

1.2 O campo

A definição do campo se desenvolveu após a definição de analisar como o uso indevido dos nossos dados pode impactar nossas vidas, construída, neste caso, de uma relação assimétrica entre as *big techs* e usuários que utilizam suas tecnologias. Neste momento, decidi que trabalharia as dimensões *online e offline*. Ao pesquisar e retomar teóricos vistos em aulas e palestras de Leticia Cesarino,¹⁶ me deparei com o termo *capitalismo de vigilância*¹⁷ de Shoshana Zuboff. Indo ao encontro das minhas curiosidades sobre o tema, em “Big Other: Capitalismo de Vigilância e perspectivas para uma civilização de informação”, Zuboff aponta:

Um recente estudo sobre big data produzido pela Casa Branca concluiu que “a trajetória tecnológica é bastante clara: mais e mais dados serão produzidos sobre indivíduos; a manutenção desses dados, porém, ficará sob o controle de outros. Essa afirmação nos remeteu a uma entrevista com Eric Schmidt, presidente da Google, em 2009, quando ficou claro para o público em geral que sua empresa retinha históricos de pesquisas individuais em seus servidores e que estes eram compartilhados com agências de governo e instituições públicas de segurança: “Se existe algo que você prefere que

¹⁶ Professora Associada, Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. “Academia” Disponível em: <https://ufsc.academia.edu/LeticiaCesarino>

¹⁷ Termo utilizado por Shoshana Zuboff para explicar o modelo capitalista adotados por big techs para monetizar dados adquiridos por vigilância. 2021 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/3RSTj7mCYh6YcHRnM8QZcYD/>

outras pessoas não saibam, primeiramente talvez você não devesse estar fazendo isso, mas, se você realmente necessita desse tipo de privacidade, a realidade é que o Google e outros mecanismos de busca retêm essas informações por um certo período... É possível que essa informação seja disponibilizada para as autoridades (ZUBOFF, 2019 p.17).

A partir disso, iniciei a busca pelo campo em que eu pudesse evidenciar e analisar esses interesses dentro do contexto pandêmico por que passamos. Através da obra *Colonialismo de Dados*, citada anteriormente, tomei conhecimento do trabalho “Universidades Federais brasileiras a serviço da lógica colonial de exploração de dados” de Marielle Batarra, além do episódio “Universidades públicas sob ataque ao neoliberalismo” do podcast *Tecnopolítica*, em que Sérgio Amadeu entrevista Mariella Batarra. Diante das referências aqui citadas, decidi desenvolver essa pesquisa trazendo os efeitos dos conceitos de *colonialismo de dados*, *capitalismo de vigilância* e *capitalismo universitário* em relação às universidades públicas na pandemia de COVID-19 e às tecnologias educacionais.

Como estudante da UFSC, já nos meus anos finais da graduação, vivenciei o que foi o isolamento social para a universidade, e a implementação do ensino remoto emergencial. Por isso, ao longo da estruturação da pesquisa, optei por um caminho que permitisse familiaridade e proximidade com o campo, embora durante a pandemia não tenha sido direcionado por um olhar antropológico. Entretanto, através das metodologias e referências teóricas, foi possível revisitar esse momento com outros olhos. A UFSC foi uma das universidades brasileiras a aderir às tecnologias educacionais GAFAM. Através de uma negociação da universidade com a Google e Microsoft, foram oferecidas ferramentas de gerenciamento, organização e videoconferências, gratuitamente. Ao avaliar esse contexto e meus critérios para o desenvolvimento da pesquisa, escolhi a UFSC como campo de pesquisa. E aqui cabem todas as suas extensões, tanto *online*, através dos comunicados e notícias, quanto *offline*, ao pensar de que forma a discussão proposta aqui reverbera agora presencialmente.

1.3 Referencial Teórico

Shoshana Zuboff¹⁸ traz a ideia de *capitalismo de vigilância* para pensar a atuação de um novo capitalismo capaz de transformar a experiência humana que se desenvolve através

¹⁸Shoshana Zuboff - Intrínseca. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/autor/516/>>.

do digital em matéria-prima para geração de lucro corporativo. A autora denomina esse novo formato de mercado como *mercado de comportamentos futuros*, advindo do desenvolvimento de um sistema econômico que lucra com os dados adquiridos por ferramentas de vigilância algorítmica. Ela aponta que:

a dinâmica competitiva desses novos mercados leva os capitalistas de vigilância a adquirir fontes cada vez mais preditivas de superávit comportamental: nossas vozes, personalidades e emoções. Os capitalistas de vigilância descobriram que os dados comportamentais mais preditivos provêm da intervenção no jogo de modo a incentivar, persuadir, sintonizar e arrebanhar comportamento em busca de resultados lucrativos. (ZUBOFF, 2020. p.23)

Zuboff (2020) traz um comparativo com a ideia de Karl Marx sobre o *capitalismo industrial*¹⁹, onde, ao invés de se alimentar da força de trabalho, o *capitalismo de vigilância* se alimenta de todos os campos da experiência humana. Para que esse contexto se crie, agentes que articulam esse modelo capitalista constroem uma esfera de necessidade sobre aquilo que se coloca como benefício, assim como pudemos observar nos casos das tecnologias educacionais oferecidas às instituições públicas. Embora essas ferramentas e todas as outras funcionalidades pareçam ser ofertadas com a ideia de que estamos sendo beneficiados por isso, a autora alerta que:

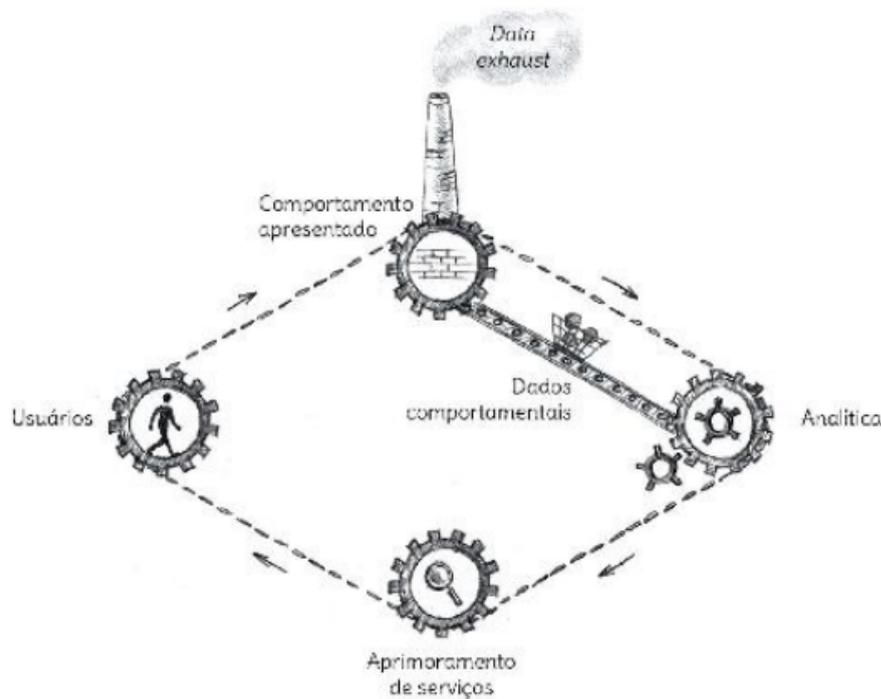
Os produtos e serviços do capitalismo de vigilância não são objeto de uma bolsa de valores. Não estabelecem reciprocidades construtivas produtor-consumidor. Em vez disso, são “ganchos” que seduzem usuários para suas operações extrativas nas quais nossas experiências pessoais são sucateadas e empacotadas como meios para as de outros. Nós não somos os “clientes” do capitalismo de vigilância. Embora se diga que “se for de graça, então o produto é você”, essa afirmativa também é incorreta. Nós somos as fontes do superávit crucial do capitalismo de vigilância: os objetos de uma operação de extração de matéria-prima tecnologicamente avançada e da qual é cada vez mais impossível escapar. (ZUBOFF, 2020. p.25)

Fazendo parte de uma das empresas da GAFAM, a Google é considerada precursora no desdobramento do *capitalismo de vigilância*. Ao longo dos anos a empresa construiu um mecanismo de aprimoramento dos seus serviços através das buscas feitas por usuários. No início, por volta de 2002, o economista-chefe Hal Varian percebeu que os rastros das buscas deixados por usuários poderiam ser coletados e analisados, servindo de alimento para o sistema que se criava. No ano anterior à virada do século, os dados ainda não eram uma fonte

¹⁹Capitalismo Industrial. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/capitalismo-industrial/#:~:text=O%20capitalismo%20industrial%20surge%20com>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

lucrativa, pois todo o retorno da matéria-prima (os dados) se direcionaram para melhorar as experiências dos usuários através dos produtos subsidiários. Zuboff chama essa parte do processo de *ciclo de reinvestimento do valor comportamental*, funcionando da seguinte forma:

Figura 2: O ciclo de reinvestimento do valor comportamental.



Fonte: Shoshana Zuboff, *A era do capitalismo de vigilância* (2019).

Neste momento, a autora aponta uma relação simétrica entre usuário e a empresa, pois um contribuía com o “aprendizado” do outro. Porém, a partir de 2000, em uma fragilidade posta às empresas do Vale do Silício pela *dot-com bubble* (“bolha da Internet”), a Google passou a receber pressão para que começasse a gerar lucro constante e urgente, trazendo como consequência o fim da relação recíproca com os usuários. Foi aí que descobriram o potencial do *superávit comportamental*, através, principalmente, de anúncios micro-direcionados aos usuários a partir do processo de mineração de dados.

A ferramenta G Suite for Education²⁰ foi um dos serviços oferecidos para que a Google entrasse no cenário da educação. No momento de fragilidade e cortes orçamentários das instituições públicas, a ferramenta dispõe de diversos “benefícios” para a comunidade

²⁰ Soluções criadas para alunos e professores. Disponível em: <https://edu.google.com/intl/ALL_br/>.

acadêmica. Porém, diversos pesquisadores alertam para essa estratégia que se estrutura a partir do *superávit comportamental*, como veremos nos próximos capítulos.

O conceito de *capitalismo de vigilância* se encontra com o de *colonialismo de dados* quando se trata da exploração das vivências humanas como matéria-prima para lucro. Segundo Ulises Mejias, professor da SUNY (State University of New York), co-fundador da Tierra Cimún²¹, uma rede de ativistas cujo objetivo é propor ações de combate à colonização dos dados na América Latina e no Sul Global, e parceiro de Nick Couldry na elaboração do conceito de *colonialismo de dados*, o conceito difere do colonialismo histórico em sua forma, mas tem com mesmo fim “apropriar-se do cotidiano de todos pela ideia de que a extração e a expropriação são processos naturais e que não temos escolha, a não ser contribuir para essa expropriação” (MEJIAS, 2020).

Outra particularidade que perpassa essas duas faces do colonialismo é o fato de que o Sul global é refém dessa extração, enquanto o Norte detém o agrupamento da matéria-prima. Como consequência histórica do colonialismo, o colonialismo de dados não opera da mesma forma em todo o mundo, ou seja, aqueles que não possuem infraestrutura que comporte estruturas como as *big techs*, se consolidam como usuários (AMADEU, 2021). É o caso do Facebook que oferece “plataformas gratuitas” para África e outras regiões do Sul global. Nick Couldry, em uma entrevista para o Jornal da USP²², comenta que “eles estão usando o antigo poder do Ocidente para entrar nas economias africanas que têm uma infraestrutura fraca devido ao legado do colonialismo”, e denomina esse movimento como neoliberal. Essa assimetria implica em diversas outras problemáticas, como os processos de racismo algorítmico. Em entrevista para o site Diálogos do Sul²³, Sérgio Amadeu, sociólogo, professor e um dos organizadores do volume *Colonialismo de dados — como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*, constata que: “Eles tratam a tecnologia como neutra, numa sociedade que não é neutra, é racista. Então a tecnologia impõe mais ainda o racismo”. Couldry afirma que o colonialismo de dados fomentará cada vez mais o avanço do capitalismo, com consequências ainda mais inesperadas.

A respeito da posição das universidades, o autor sugere resistência e cuidado diante dessas novas modalidades capitalistas e colonialistas, pois oferecem riscos à liberdade

²¹ Início. Disponível em: <<https://www.tierracomun.net/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

²² Novo colonialismo não explora apenas riquezas naturais, explora nossos dados. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/universidade/novo-colonialismo-nao-explora- apenas-riquezas-naturais-explora-nossos-dados/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

²³ Colonialismo de dados: Sorria, seus dados estão sendo roubados e as empresas estão ganhando milhões com eles! Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/72314/colonialismo-de-dados-sorria-seus-dados-estao-sendo-roubados-e-as-empresas-estao-ganhando-milhoes-com-eles>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

intelectual. E aqui faço uma ponte para o terceiro conceito abordado, o *capitalismo universitário*. Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português, fomenta que as universidades públicas possuem grande potencial lucrativo, se tornando um grande alvo para a lógica dominante do capitalismo global. Boaventura acompanha a gradual fragilidade da autonomia universitária desde meados dos anos 1990. Em sua trajetória, o autor identificou motivos para que a universidade tenha se tornado um alvo. Em reportagem realizada por Javier Lorca para o IHU (2018), Boaventura elenca três razões:

- Sua produção de conhecimento independente e crítico questiona “a ausência de alternativas que o **neoliberalismo** tenta produzir em nossas cabeças todos os dias. Se não há alternativas, não há política, porque a política é só alternativas. É por isso que muitas das medidas contra a universidade não parecem políticas, mas, sim, econômicas, os cortes financeiros, ou jurídicos, a luta contra a corrupção. O que está por trás é a ideia de que a universidade pode ser um fermento de alternativas e resistência.

- O pensamento neoliberal busca um presente eterno, quer evitar toda tensão entre passado, presente e futuro. E a **universidade** sempre foi, com todas as limitações, a possibilidade de criticar o presente em relação ao passado e com vistas a um futuro diferente.

- A universidade ajudou a criar **projetos nacionais** (obviamente, excludentes dos povos originários) e o neoliberalismo não quer projetos nacionais. Por sua vez, a universidade sempre foi internacionalmente solidária, com base na ideia de um bem comum. Mas, o **capitalismo universitário** quer outro tipo de internacionalismo: a franquia, que as universidades possam comprar produtos acadêmicos em todo o mundo. (BOAVENTURA, 2018)

A formulação do conceito de capitalismo universitário vem da reflexão contraditória do que constitui a ciência. Segundo o autor, a ciência vem de um lugar de dominação capitalista, colonialista e patriarcal, mas que ainda possui grande potencial de resistência e construção de uma ruptura epistemológica ocidental, promovendo o decolonialismo (BOAVENTURA, 2019). Por isso, Boaventura considera que as universidades são, hoje, um alvo do neoliberalismo.

2. ENSINO REMOTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

Para a busca das informações que apresento neste capítulo, principalmente nos subcapítulos 2.1, 2.1.1 e 2.1.2, utilizei o portal de Notícias da UFSC. Desde o momento em que foi comunicada a dispensa das aulas presenciais por tempo indeterminado, o principal

canal mais informativo de contato da comunidade acadêmica com as decisões que seriam tomadas dali para frente a respeito das atividades acadêmicas foi o portal Notícias da UFSC. Seguindo em ordem cronológica de postagem dos comunicados, trouxe aqui as notícias que tiveram foco em tratar diretamente das decisões tomadas e, também, notícias que evidenciam a relação da comunidade acadêmica com o modelo não-presencial e com as tecnologias educacionais adotadas neste período. Através das postagens realizadas pelo portal, foi possível encontrar resultados de pesquisas sobre a opinião da comunidade acadêmica, capacitações oferecidas para o ensino remoto e as divulgações da disponibilidade das ferramentas trazidas pelas big techs. Além disso, em sequência, no subcapítulo 2.2 direciono passo a reflexões e análises dos comunicados do Notícias da UFSC e da APUFSC e entrevistas com os estudantes.

2.1 Processo de decisão da retomada das aulas não-presenciais na UFSC

No dia 15 de março de 2020, através do canal Notícias da UFSC²⁴, a Administração Central²⁵ decidiu pela suspensão indeterminada das aulas presenciais da universidade após confirmação de casos de COVID-19 nas regiões próximas ao Campus João David Ferreira Lima, no bairro Trindade, em Florianópolis. Nos primeiros dias de suspensão, a comunidade acadêmica já vivenciava os primeiros impactos das aulas não-presenciais em função da pandemia. Através de e-mails enviados por professores, nós discentes recebemos comunicados sobre a continuidade das atividades através das plataformas de suporte educacional que já usávamos, como o Moodle²⁶, por exemplo, até que fosse feito o comunicado de decisões futuras da Reitoria. Neste momento, entre conversas virtuais já angustiantes, nossa preocupação enquanto estudantes se debruçava sobre as incertezas do que seriam nossas vidas nos dias seguintes, sem restaurante universitário e, muitos de nós, sem equipamentos necessários para o acompanhamento das possíveis aulas remotas. Dias após o primeiro comunicado, Ubaldo Baltazar, reitor da universidade na época, anunciou que as aulas deveriam continuar suspensas em todas as modalidades, inclusive remotas. Portanto, não houve aula durante o período do fim do mês de março ao fim do mês de maio.

²⁴UFSC. “Notícias da UFSC”. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/>

²⁵ UFSC. “Reitoria”. Disponível em: <https://reitoria.ufsc.br/apresentacao/>

²⁶ O Moodle (acrônimo de "Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment") é um ambiente virtual de aprendizagem voltado a gestão de disciplinas em curso a distância ou apoio para atividades em cursos presenciais da UFSC. SEAD UFSC. Disponível em: https://sead.paginas.ufsc.br/files/2020/04/Moodle-Guia-Pr%C3%A1tico_do_Estudante.pdf

A cada dia que passava, a comunidade acadêmica seguia na espera dos comunicados e decisões da Administração Central. No longo período de tomadas (ou não) de decisões, formou-se movimentos de micro-resistência por parte do DCE (Diretório Central de Estudantes) da UFSC. Através de publicações em redes sociais, foi possível construir um espaço de proximidade dos debates acerca dos posicionamentos da Administração Central. Em exemplo, cito a campanha de exigências estudantis para a retomada das aulas, divulgada no Instagram, a fim de assegurar o apoio tecnológico e o caráter excepcional do Ensino Remoto, garantindo a não aderência ao EAD (Ensino a Distância), já que essa modalidade apresenta sucateamento e, conseqüentemente, possível privatização. Além disso, a campanha buscou a garantia de nenhum prejuízo aos estudantes quanto à frequência, trancamento de semestre e demais burocracias relacionadas às disciplinas e aos cursos.

Figura 3 - Divulgação da campanha de exigências estudantis para a retomada as aulas



Fonte: Instagram @dce.ufsc.luistravassos

Antes do cenário pandêmico, embora o ambiente digital já fosse utilizado como um formato de resistência e posicionamento contra ameaças à universidade pública, eram os espaços físicos que ganhavam força nesses momentos. A rede de apoio, troca e debates públicos pertenciam à ocupação dos espaços dentro da universidade, ou então, nas ruas.

Após 50 dias de suspensão, entre comunicados de prorrogação dos prazos de suspensão, a Administração Central da UFSC, juntamente com o DCE e a Associação de

Pós-Graduandos (APG/UFSC), realizou a segunda audiência pública²⁷ para estudantes desde o início da suspensão das aulas. Nesta audiência, além de discutir o orçamento da universidade e a alimentação dos estudantes, foi pautado o andamento do calendário acadêmico. Tanto a APG quanto o DCE tomaram posicionamentos contra o EAD para substituir as aulas presenciais. Em resposta, o Chefe de Gabinete argumentou que, devido às condições complexas que a universidade passava, o ensino remoto estava sendo estudado pelos departamentos e comitês criados para planejamento dos próximos passos. Como argumento para uma possível adoção das atividades remotas, o pró-reitor de Graduação, Alexandre Marino Costa, mencionou um parecer de autorização do Conselho Nacional de Educação. Durante esse período de espera até que fosse tomada uma decisão e posicionamento do Conselho Universitário (CUn), docentes e técnicos já se preocupavam com o uso de ferramentas digitais, havendo um grande número de pedidos por capacitação para utilização de tecnologias que iriam intermediar o trabalho remoto.

Finalmente, no dia 21 de julho 2020, o conselho universitário decide²⁸ pela continuidade das aulas não-presenciais, iniciando no dia 31 de agosto de 2020, prevendo assim cinco semanas para o planejamento da retomada das aulas no modelo remoto.

2.1.1 Relação dos docentes com as tecnologias educacionais

Em uma pesquisa realizada²⁹ pela UFSC no mês de junho de 2020 a respeito das ferramentas no trabalho remoto, a maior parte dos docentes respondentes da pesquisa alegaram que, embora possuíssem equipamentos para que fosse possível a realização das atividades remotas, não havia familiaridade suficiente com ferramentas tecnológicas para transmissão *online* das aulas.

²⁷Notícias da UFSC. “*Administração Central debate calendário acadêmico e assistência estudantil em audiência pública*” 09/05/2020.

Disponível em:

<<https://noticias.ufsc.br/2020/05/administracao-central-debate-calendario-academico-e-assistencia-estudantil-em-audiencia-publica/>>

²⁸ Notícias da UFSC. “*Conselho Universitário decide que ensino não presencial da UFSC começa em 31 de agosto*”

21/07/2020. Disponível em:

<<https://noticias.ufsc.br/2020/07/conselho-universitario-decide-que-ensino-nao-presencial-da-ufsc-comeca-em-31-de-agosto/>>

²⁹ Notícias da UFSC. “*UFSC promove esforço para atender à grande procura por capacitações de docentes e técnicos*”

25/06/2020 Disponível em:

<<https://noticias.ufsc.br/2020/06/ufsc-promove-esforco-para-atender-a-grande-procura-por-capacitacoes-de-docentes-e-tecnicos/>>

Os resultados mostraram que 64,17% gostariam de receber capacitação da ferramenta *Google Meet*³⁰, 61,15% da ferramenta *Zoom Meetings*³¹, 31,31% da ferramenta *BigBlueButton*³², e 27,63% da ferramenta *Jitsi Meet*³³. As duas últimas ferramentas citadas correspondem a ferramentas de código aberto³⁴, não pertencentes à GAFAM. Ainda sobre as ferramentas de código aberto, 48,33% dos docentes não conheciam a ferramenta *BigBlueButton*. Cinquenta por cento não conhecem a ferramenta *Jitsi Meet*, enquanto 30,01% não conheciam a ferramenta *Zoom* e 26,21%, a ferramenta *Google Meet*. Isso mostra que a ferramenta pertencente a GAFAM (*Google Meet*) possui uma popularidade maior nesse contexto. Em relação à tecnologia de apoio ao aprendizado já usada pela universidade, o Moodle, 65,25% demonstraram familiaridade com a ferramenta, porém 27% não conseguia realizar atividades básicas sem suporte e 75,9%, atividades avançadas. Por fim, 84% demonstraram querer a capacitação dos recursos avançados do Moodle. No comunicado não foi dito sobre a capacitação das outras ferramentas citadas.

Neste momento, a CCP (Coordenadoria de Capacitação de Pessoas) da PRODEGESP (Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoas) já oferecia cursos no Portal de Capacitação, porém os direcionados para tecnologias educacionais não estavam com vagas abertas. Além disso, a PROEX (Pró-reitoria de Extensão) divulgou no mesmo mês um edital para criação de núcleos de produção de conteúdo digital. Esses núcleos seriam direcionados para criação de cursos de apoio a tecnologias educacionais para docentes, especificamente sobre o Moodle, neste edital. Os cursos contaram com muita procura pelos docentes, preenchendo mais de 30 vagas em cada.

Desde o anúncio da retomada das aulas no modelo remoto, a universidade passou a realizar diversas iniciativas de capacitação para uso de tecnologias de apoio educacional. Muitas das capacitações oferecidas, de modo gratuito em sua maioria, foram direcionadas

³⁰ Canal Tech. “O que é o Google Meet?” 13/07/2022. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/apps/o-que-e-o-google-meet/>>

³¹ TechTudo. “ZOOM Cloud Meetings – reuniões em vídeo individuais ou em grupo”. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/zoom-cloud-meetings/>>

³² Site da UFRB, “Conheça o novo recurso do AVA, o BigBlueButton”, Disponível em < <https://www2.ufrb.edu.br/ead/noticias/205-bigbluebutton>> . Ao longo do capítulo 2.3 discorro mais sobre as ferramentas GAFAM e ferramentas de código aberto.

³³ Segundo o site “Frontline Defenders”, “O Jitsi Meet é um software livre e gratuito para chamadas de videoconferência seguras e criptografadas. Fonte: <https://www.frontlinedefenders.org/pt/resource-publication/jitsi-meet-simple-and-secure-video-conferencing-platform>

³⁴ Código aberto são softwares que permitem que os códigos da ferramenta sejam abertos e livres para serem modificados e que permitem o desenvolvimento colaborativo do sistema. Disponível em: <https://www.hpe.com/br/pt/what-is-open-source.html>

para a ferramenta Moodle e, em outros momentos, as ferramentas GAFAM eram citadas de modo secundário nos cursos oferecidos.

2.1.2 Relação dos discentes com as tecnologias educacionais

Para entender a opinião dos estudantes a respeito das aulas não-presenciais, a UFSC também aplicou uma pesquisa³⁵ igual à que foi realizada com os docentes. Nos resultados, a pesquisa apresenta, primeiramente, que apenas 63,5% (de 36.792)³⁶ dos estudantes responderam à pesquisa, incluindo estudantes de graduação, pós-graduação e ensino médio do Colégio de Aplicação. Os resultados mostraram que, dos estudantes respondentes à pesquisa, 72,9% afirmaram conseguir utilizar as funções básicas da ferramenta Moodle, e 24,08%, funções avançadas. Ainda nas respostas, foi divulgado que 57,28% mostraram ter boa familiaridade com tecnologias digitais em educação. A respeito das capacitações para utilização das ferramentas de mediação para realização do ensino, 40,17% afirmaram querer receber capacitação da ferramenta Google Meet, 36,14% da ferramenta Zoom, 27,74% da ferramenta BigBlueButton e 27,56% da ferramenta Jitsi Meet. Entre os estudantes, as ferramentas de código aberto eram ainda menos conhecidas em relação aos docentes. Mais da metade dos estudantes (55,51%) afirmaram não conhecer a ferramenta BigBlueButton, e 54,18% não conhecem a ferramenta Jitsi Meet.

Ao perguntar sobre a utilização das tecnologias educacionais para os entrevistados, as mais citadas foram a BigBlueButton e Google Meet. A ferramenta Zoom foi pouco usada para mediação das aulas dos participantes, e foi citada como a mais complexa. Já o Jitsi Meet não foi citado. A entrevistada C. afirma que o BigBlueButton foi o principal veículo usado para transmissões das aulas, mas que achava a plataforma ruim por não ter capacidade de comportar o que a transmissão consumia. A respeito do Google Meet, a entrevistada C. alega que é a sua preferência por ser mais “otimizada”, embora não possua tantas funcionalidades interativas quanto a Big Blue Button. A entrevistada J. tem opinião semelhante a C.. Ambas concordam que o Google Meet possui uma capacidade maior para as transmissões das aulas. A J. conta que chegou a usar a Big Blue Button, porém, em concordância com a turma, acharam a ferramenta “impessoal”, pois muitas vezes não podiam abrir as câmeras por conta

³⁵ Notícias da UFSC. “A UFSC quer ouvir você: pesquisa aponta opiniões da comunidade universitária sobre atividades não presenciais durante a pandemia” 15/06/2020. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/06/a-ufsc-quer-ouvir-voce-pesquisa-aponta-opinioes-da-comunidade-universitaria-sobre-atividades-nao-presenciais-durante-a-pandemia/>

³⁶ UFSC. “Diagnóstico completo da pesquisa com os dados sobre a comunidade acadêmica”. Disponível em: https://coronavirus.paginas.ufsc.br/files/2020/06/15_06_20_DIAGNOSTICO_INSTITUCIONAL_1.pdf

da conexão. E acrescenta que o fato de ter a ferramenta “paga pela UFSC”, como ela diz, ajudou muito não somente por que o Google Meet ilimitado possuía mais funcionalidades que o gratuito, mas também por ter o Google Drive (armazenamento em nuvem), com uma grande capacidade de armazenar todos os trabalhos e mídias que produziam em função das aulas. A entrevistada S., por outro lado, conta que, de certa forma, preferia o uso da Big Blue Button, mas com a justificativa de que seria melhor concentrar as aulas em uma única ferramenta, sugerindo essa como a ideal. Por fim, o participante G. também conta que se sentia mais habituado com o Google Meet, sendo a ferramenta mais usada durante suas aulas remotas.

Assim como para os docentes, os estudantes também receberam oferta de capacitação para o uso de ferramentas para suporte educacional. A SEAD (Secretaria de Educação à Distância) reuniu materiais de conhecimento sobre tecnologias de ensino da própria comunidade acadêmica para que fossem compartilhados, além de diversas outras iniciativas de núcleos dentro da universidade para capacitação dos estudantes³⁷. Uma delas, bastante relevante para abordar aqui, foi a ação realizada pelo PIAPE (Programa de Apoio Pedagógico aos Estudantes). A ação teve como objetivo realizar um aulão³⁸ sobre ferramentas ofertadas pela Google. No início do aulão, é mencionado que embora pudessemos acessar as ferramentas com nossos e-mails particulares, a UFSC, em parceria com a Google, disponibilizou o acesso através de ativação do IdUFSC (Sistema de Gestão de Identidade da UFSC) para utilização das ferramentas da Google GSuite³⁹ e Google for Education⁴⁰. Na demonstração foi indicado apenas como habilitar o e-mail para as ferramentas, sem mencionar os termos de uso e o que a empresa Google poderia obter dos nossos dados a partir da habilitação. A respeito das capacitações realizadas, nenhum dos entrevistados chegou a participar.

Refletindo sobre a relação dos docentes e discentes com as tecnologias, é possível observar que na universidade ainda temos a presença da ferramenta Moodle como apoio

³⁷Notícias da UFSC, “*Secretaria de Educação a Distância oferece conhecimentos em tecnologias de ensino*” 27/07/2020 Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/07/secretaria-de-educacao-a-distancia-oferece-conhecimentos-em-tecnologias-de-ensino/> >

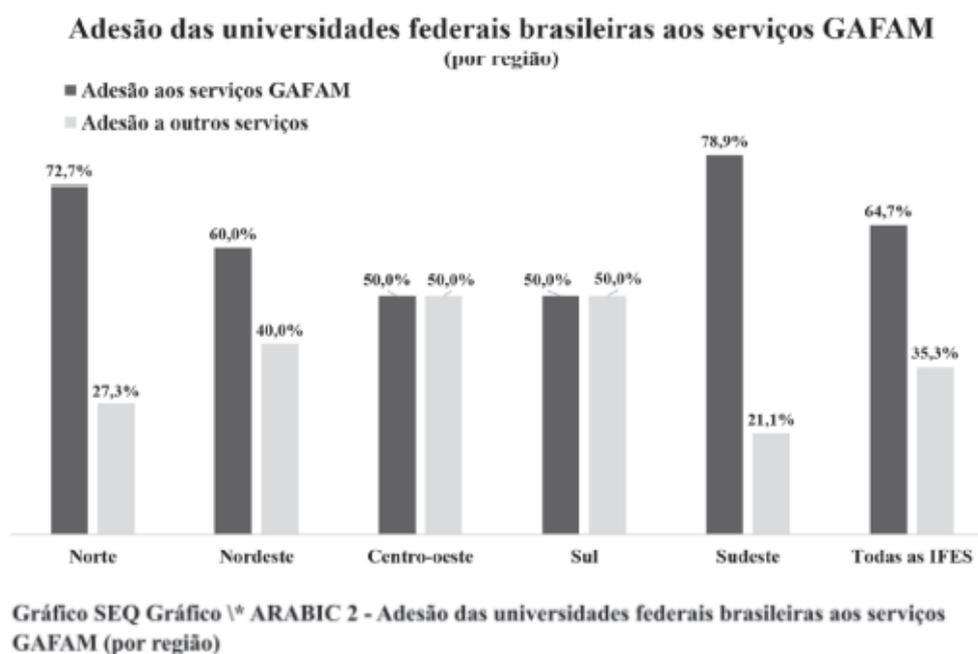
³⁸ Notícias da UFSC. “*Programa de Apoio Pedagógico aos Estudantes realiza aulão sobre ferramentas Google*” Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2021/03/programa-institucional-de-apoio-pedagogico-aos-estudantes-realiza-aulao-sobre-ferramentas-google/> > e Link do aulão transmitido pelo Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=sBDosSLIebg>

³⁹ Espaço com diversos aplicativos oferecidos pela Google. Fonte: <https://workspace.google.com/intl/pt-BR/>

⁴⁰ Espaço para as ferramentas educacionais da UFSC. Fonte: https://edu.google.it/intl/ALL_br/workspace-for-education/editions/overview/

pedagógico e de outras ferramentas de código aberto, embora as ferramentas GAFAM também foram e são bastante utilizadas pela comunidade acadêmica. Essas observações correspondem aos indicativos trazidos por Mariella Batarra (2022 p.138) a respeito da adesão das universidades federais na região Sul do Brasil. No gráfico abaixo é possível identificar a entrada das *big techs* nas universidades federais por região:

Figura 4 - Adesão das universidades federais brasileiras aos serviços GAFAM



Fonte: Mariella Batarra - Universidades Federais Brasileiras a Serviço da Lógica Colonial de Exploração de Dados

A imagem demonstra que, no Sul do país, a adesão aos serviços GAFAM e a outros serviços possui a mesma porcentagem de 50%, sendo, ainda, menor do que a adesão das regiões Norte e Sudeste.

2.2 Adesão das tecnologias educacionais oferecidas pelas big techs na UFSC

A imprensa da APUFSC (Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina), no dia 05 de agosto de 2020, lançou uma matéria⁴¹ abordando a avaliação da

⁴¹ FERREIRA, K. UFSC avalia parcerias com Google e Microsoft para auxiliar Ensino Remoto. Disponível em: <<https://www.apufsc.org.br/2020/08/05/ufsc-avalia-parcerias-com-google-e-microsoft-para-auxiliar-ensino-remoto/>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

UFSC a respeito de parcerias com a Google e a Microsoft para o ensino remoto na universidade. Segundo a publicação, na mesma semana a comunidade acadêmica já havia iniciado a fase de testes das ferramentas Office 365, da Microsoft, e Google Meet, da Google. Fernando Richartz, Secretário de Planejamento e Orçamento da UFSC (SEPLAN), afirma que a negociação com as *big techs* já havia iniciado antes mesmo da pandemia, porém, com a pandemia de COVID-19, esse processo deveria ser acelerado. Para o andamento da negociação, foi criado um Comitê de Governança Tecnológica da UFSC. Richartz afirmou que a maior preocupação era ter apenas soluções internas de tecnologias educacionais. A matéria ressalta que a UFSC já possuía serviços tecnológicos de código aberto e gratuitos, gerenciados pela infraestrutura da universidade. Em outra matéria⁴², também realizada pela APUFSC, Richartz fala sobre a segurança dos dados e aponta que:

Ou seja, é um paradoxo: queremos ter segurança e privacidade mas é a própria empresa a responsável por garantir isso. E quem dentro das universidades garantirá essa segurança? Esses dados saem da universidade e vão para onde? Vale lembrar que não somos contra o progresso, o lucro das empresas e nem contra o uso da tecnologia. O que a gente precisa é ter uma discussão ampla sobre o custo implícito nessa utilização. (RICHARTZ, 2020)

Em uma carta-proposta enviada por pesquisadores, foi alertado que, embora as tecnologias GAFAM fossem gratuitas, a adesão aos serviços oferecidos pelas big techs é velada. Vinicius Faria Culmant Ramos, professor do Departamento de Tecnologias da Informação e Comunicação, um dos responsáveis pelo envio da carta, alega que a problemática das tecnologias educacionais oferecidas pela Google e Microsoft se dá em torno da autonomia universitária, uma vez que, logados às ferramentas, nossos dados podem ser utilizados para análises comportamentais. Na matéria⁴³ da APUFSC ele diz que:

Desde o processamento dos seus e-mails para apresentar publicidade, o uso dos nossos dados de pesquisa — que podem ser sigilosos, ou até estratégicos no avanço da tecnologia do país — até um estado de vigilância constante sobre o que estamos fazendo (RAMOS, 2020).

⁴² CARDIAL, Ilana; FERREIRA, Karina. Pesquisadores alertam para riscos de parcerias entre universidades e empresas de tecnologia. Disponível em: <<https://www.apufsc.org.br/2020/08/05/pesquisadores-alertam-para-riscos-de-parcerias-gratuitas-entre-universidades-publicas-e-empresas-de-tecnologia/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

⁴³ *Ibidem*.

Rafael Evangelista⁴⁴, doutor em Antropologia Social e membro da Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade (LAVITS), em uma publicação no site Outras Palavras, aborda a aceleração de um plano que há anos já vinha sendo arquitetados pelas *big techs*, a fim de adentrarem as universidades durante a pandemia. Ele diz:

A aceleração parece ser a aposta do Vale do Silício (mas talvez também da China, ainda que talvez por outro caminho ou outras ênfases). A crise seria uma oportunidade para por em marcha mais acelerada processos que já se anunciavam, já eram objeto de desejo desses e plano desses atores, mas que ainda estavam em fase de consolidação. Coisas como a educação a distância movida a capitalismo de vigilância.... (EVANGELISTA, 2020)

Segundo o autor, a aceleração citada é um dos três caminhos em disputa entre as práticas arquitetadas pelas corporações do Vale do Silício, e a intenção de ir contra essa invasão nas universidades públicas. Os outros dois caminhos correspondem a “exceção” e “ruptura”. O caminho de “exceção” se retrata a partir do discurso de que o uso das tecnologias educacionais são apenas soluções imediatas e por tempo limitado, articulado com o entendimento de que é um recurso disposto para aliviar os obstáculos da pandemia na educação, que segundo o autor, é o discurso daqueles que andam na linha da negação. Contrapor esse cenário implica em construir um caminho de “ruptura”, na intenção de desenvolver outros formatos que fujam do buraco de dependência proposto pelas ferramentas da GAFAM.

De acordo com a terceira entrevistada J., no momento em que a Google parou de oferecer seus serviços ilimitados para a UFSC, a estudante passou a pagar pelos serviços, pois em sua versão gratuita o limite de espaço não comportava mais. Ela conta que:

Foi uma coisa que eu não esperava, acho que vi pelo twitter ou instagram. Só que pra mim tava muito certo, tanto que eu tinha até baixado o Google Drive no meu computador, então tava meio que tudo conectado com o Google Drive da UFSC. E aí eu lembro que corri pra colocar tudo no HD externo, pra não perder nada. Era uma coisa que eu não tava esperando assim. Agora além de pagar, eu uso o OneDrive da UFSC, e coloco tudo lá (Entrevistada J.).

Além de começar a pagar pelos serviços da UFSC, a estudante citou o uso do OneDrive, utilizado pela UFSC como substituição do Google Drive. Após a entrevista, a

⁴⁴ EVANGELISTA, Rafael. “A distopia da aceleração está a caminho?”. Outras Palavras. 02/04/2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/author/rafael-evangelista/>>

estudante me enviou o link do Portal de Serviços⁴⁵. A página conta com o que é oferecido gratuitamente pela Microsoft.

Figura 5 - Pacote da Microsoft disponibilizada pela UFSC

Microsoft

1. Descrição
Este serviço integra a autenticação da UFSC com o pacote de serviços da Microsoft chamado Office 365. Entre eles: OneDrive, Teams, Word, Excel, PowerPoint etc.

2. Pré-requisitos
Para acessar o serviço o usuário deve ter um vínculo ativo de **servidor** ou **aluno** regulares. Alunos ouvintes e especiais não tem acesso. Credenciais organizacionais (@contato) não são permitidas.

3. Como acessar
O usuário deve acessar office.com para autenticar no serviço. Sua credencial é a combinação do idufsc + @ufsc.br (independente do vínculo aluno/servidor).

4. Principais funcionalidades
* Armazenamento de 1TB no Onedrive.
* MS Teams
* Recurso de gravação.

5. Forma de prestação
A SeTIC provê apenas a autenticação dos usuários para esta plataforma. A SeTIC não se responsabiliza pelo uso ou suporte aos serviços internos da Microsoft.

Dúvidas comuns

Microsoft

- Como faço para acessar e baixar programas do Microsoft Dev Tools?
- Quais softwares (aplicativos) estão disponíveis no pacote Dev Tools disponibilizado pela UFSC?

[Clique aqui para acessar o serviço](#)

Todos os autosserviços de TIC estão disponíveis em regime integral (24x7x365). O atendimento a usuários está disponível em horário comercial, das 08h-12h e das 14-18h.

Não encontrou o que você procurava? [Clique aqui](#) para abrir um chamado.

Pesquisar no portal:



SeTIC-UFSC

© SeTIC - Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação - v1.100

Fonte: Portal de Serviços UFSC -

<https://servicosti.sistemas.ufsc.br/publico/detalhes.xhtml?servico=362>

Neste caso, podemos visualizar os caminhos de “aceleração” e “exceção”. Para acelerar o processo de adesão da UFSC às tecnologias da Google e Microsoft, foram ofertadas diversos “benefícios” aos estudantes, com a ideia de que seria uma solução para aquele momento. Embora de fato a Google tenha acabado com o pacote ilimitado, ainda deixou rastros de dependência com relação às ferramentas. Na matéria citada acima, os professores Vinicius Ramos e Tel Amiel já sinalizava casos como este:

A preocupação é que seja firmada uma relação de dependência com as plataformas. “Não teremos mais autonomia de mudar do Google Drive para um serviço LibreOffice, por exemplo, pois já estaremos dependentes, só saberemos usar um único software”, afirma Ramos... De acordo com o Educação Vigiada, a maioria das Universidades Federais utilizam o Moodle, um software livre de Ambiente Virtual de Aprendizagem, e possuem plataformas institucionais. “Não achamos que isso vai durar muito tempo. A partir do momento que o Google for a plataforma de fato, as pessoas vão sair do Moodle. Vai haver menos apoio institucional e as pessoas vão ter menos

⁴⁵Portal de serviços | Catálogo de serviços. Disponível em: <https://servicosti.sistemas.ufsc.br/publico/detalhes.xhtml?servico=362>. Acesso em: 27 jan. 2023.

razão para manter [esse uso]”, diz o professor Tel Amie... A questão do controle da empresa sobre a longevidade da parceria também é outra questão a ser considerada. “O que vai acontecer quando elas disserem que o limite de espaço da universidade acabou? O que vamos fazer? Se hoje nosso argumento é o de que não temos espaço, como vamos migrar nossos dados de volta, ou seja, como é que se faz isso daqui a dez anos? É um caminho que pode ser sem volta” (APUFSC, 2020).

Ao perguntar aos entrevistados a respeito das suas percepções sobre os efeitos que a adesão da universidade às tecnologias GAFAM podem apresentar, as respostas indicam que há pouca conscientização sobre o que as empresas possam lucrar com isso.

Não vejo os impactos. Acho que foi o caminho mais fácil que alguns professores escolheram. A respeito de dados, acho que essas empresas não podem conseguir, então não sei os impactos. Eu sei que outras empresas privadas estão bem presentes, vejo muito isso no CTC. (Entrevistada C.)

Ah, na verdade, não pensei muito sobre isso. Eu até achava um pouco estranho assim, por achar que a universidade não tava preparada, talvez, para isso. Não tinha um plano, aí parecia tudo meio para resolver o problema. Não tipo, “foi feito aqui, vimos que essa plataforma é a melhor pra todo mundo”. Se existia já uma plataforma da UFSC, pra que ter aulas nessas outras, né? Também por que a Google, meu Deus, né, a gente sabe, é uma empresa, a gente esquece que eles lucram mais ainda com isso. Sei que universidades particulares, conheço algumas amigas, não pararam né, durante a pandemia, e lembro que uma amiga falou que era pelo Meet. Outros cursos, tipo do CTC, também usavam muito. Mas nunca pensei nas causas disso. (Entrevistada S.)

Quando eu pensava, sempre pensava no impacto de elas entrarem na universidade como estudante, que para mim, pensando no impacto individual, eu achava muito bom. Me ajudava muito, era muito útil. Por exemplo, agora que a UFSC parou o contrato com a Google, eu estou tendo que pagar o Google Drive para coisas acadêmicas. Além disso, o Google Meet tinha mais funcionalidades, dava pra fazer coisas diferentes. Então, sempre pensei na minha experiência individual. Só que pensando na universidade como um todo, eu nunca tinha parado para pensar. Acho que essas empresas têm um interesse econômico de entrar na universidade. Acho que a universidade não consegue produzir ferramentas como as da Google, não sei se tem capacidade própria para produzir um sistema que nem o do Google Drive assim. Não consigo pensar como o Google Drive, além do interesse econômico, qual outro interesse ele pode ter de entrar na universidade... Não quero influenciar na tua pesquisa, mas tipo, talvez tenha algum interesse de estar dentro das pesquisas científicas, ter todo esse armazenamento de dados com eles daí, das pesquisas, os usuários. Acho que eles devem ganhar muitos usuários assim, várias pessoas experimentam a plataforma. (Entrevistada J.)

Acho que nunca pensei muito sobre, acho que na época eu tava muito preocupado em terminar a graduação, então tava mais indo com a maré assim. Acho que a minha única preocupação assim sempre foi em acreditar que essas plataformas não se manteriam depois de uma melhora nas condições da saúde. Sempre entendi que elas estavam ali para suprir uma necessidade emergencial que a gente tava tendo, de continuar com as demandas que a universidade tava tendo no período pré vacina. Mas que

depois disso, elas se diluísem e parassem de serem usadas no sentido de ver elas mais como ferramentas do que espaços de aprendizado... Não sei dizer o que elas podem ganhar com os dados, mas com certeza o lucro delas deve ter aumentado com dois anos de pandemia, tanto pelo número de acessos, quanto, pessoas que em outros contextos não usariam. (Entrevistado G.)

Os discursos demonstram que é perceptível que há um ganho econômico nesse contexto. Os estudantes até citaram dados como uma possível fonte de lucro, mas esse contexto ainda se apresenta de forma bastante abstrata quanto aos seus efeitos.

Outro tópico abordado pelos entrevistados foi o Future-se, quando perguntados sobre os efeitos de empresas privadas nos ambientes públicos de ensino. Em 2019,⁴⁶ o ex-ministro da educação, Abraham Weintraub, e o ex-secretário de educação Arnaldo Lima desenharam o Future-se como um projeto para garantir autonomia financeira às universidades e institutos federais, através de parcerias com organizações sociais⁴⁷, incentivando o empreendedorismo e inovação dentro das instituições públicas.

Figura 6 - Nota do MEC sobre o Future-se

⁴⁶ Future-se - Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/52641>>.

⁴⁷FIGUEIREDO, D. Future-se: entenda a proposta do MEC | Politize! Disponível em: <<https://www.politize.com.br/future-se-entenda-a-nova-proposta-do-mec/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

"É a maior revolução na área de ensino no país dos últimos 20 anos", diz ministro

Na Câmara, ministro listou programas da educação básica à superior lançados pela pasta



Dyelle Menezes e Guilherme Pera, do Portal MEC

"É a maior revolução na área de ensino no país nos últimos 20 anos". Assim o ministro da Educação, Abraham Weintraub, definiu o conjunto de programas lançados pela atual gestão da pasta. A declaração foi dada em sessão da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados nesta quarta-feira, 11 de dezembro.

Fonte: Ministério da Educação

No mesmo ano, o próprio Abraham Weintraub realizou cortes na educação pública superior. E logo após surgiu o projeto Future-se.

Figura 7 - Nota de repúdio aos cortes nas universidades públicas



Fonte: @dce.ufsc.luistravassos

Boaventura de Souza Santos diz que cinco etapas formulam⁴⁸ o capitalismo universitário, sendo eles: “a degradação financeira da universidade pública transferindo recursos para o setor privado”; segundo, “privilegiando a formação da força de trabalho exigida pela economia”; terceiro, “torna-se mercado onde os estudantes deviam pagar para entrar”; quarto, “criam-se rankings das universidades para que cada universidade passasse a ter um valor de mercado globalmente reconhecido”; e, por fim, “a universidade deve ser gerida como uma empresa capitalista privada”. (BOAVENTURA, 2019). O autor identifica que todas as etapas do capitalismo universitário no Brasil se encontram no projeto do Future-se.

Ao lembrarem do Future-se como um caminho de entrada das empresas privadas na UFSC, perguntei aos estudantes como eles viam as influências dessas empresas nesse contexto. Eles disseram:

Ah sim, lá vejo pessoas que defendem o Future-se. Ali várias pessoas trampam para empresas privadas. Isso sei que tem influência na universidade, mas não entendo muito bem como acontece, só sei que é bem similar ao projeto do Future-se... Hum. É que a gente já usa muito essas ferramentas de empresas privadas em Sistemas da Informação. Então já é automático, acho que não pensamos muito sobre. Vejo também que tem bastante incentivo para ferramentas *open source*, mas também que muitos professores defendem a privatização. (Entrevistada C.)

Depois do Future-se, essa discussão deixou a UFSC bem atenta. Inclusive é bem interessante que a pandemia veio um ano depois exatamente do Future-se. Lembro que ali na UFSC tivemos a experiência da greve. Greve por causa do restaurante universitário que ia fechar, porque não tinha verba para manter ele, e enfim, várias questões locais ali da universidade, mas no Brasil inteiro as universidades, no governo Bolsonaro, estavam passando por maus bocados. E isso tava acontecendo porque era do entendimento do governo na época, de que deveria ter um aparelhamento, não indireto, mas direto entre as iniciativas privadas e as públicas. E o Future-se era justamente isso, era uma proposta oficial do MEC juntar as universidades públicas com a lógica das universidades privadas. E um ano depois, chegou a pandemia que fez várias iniciativas privadas entrarem nas salas de aula. No fim das contas é isso, a sala de aula na pandemia era um ambiente privado, o que não acontece no presencial. Acho que essa é uma ruptura que tem. Lembro que no início da pandemia isso foi uma grande preocupação do movimento estudantil, por medo de esses modos repercutirem no avanço do Future-se no fim da pandemia. (Entrevistado G.)

⁴⁸ SANTOS, Boaventura. Future-se e o capitalismo universitário [Entrevista concedida a] IHU On-line. Instituto Humanitas Unisinos. 08 ago, 2019. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/591753-future-se-e-o-capitalismo-universitario-trata-se-de-transformar-a-universidade-de-um-bem-comum-em-investimento-lucrativo-entrevista-especial-com-boaventura-de-sousa-santos>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Aqui é possível identificar que uma coisa leva a outra. Embora o avanço das tecnologias educacionais da Google e Microsoft tenham acontecido durante a pandemia nas universidades públicas, isso, juntamente com os movimentos de sucateamento dessas instituições, como o Future-se, impulsiona a plataformização privada da educação⁴⁹ (CRUZ, 2021).

3. UNIVERSIDADES FEDERAIS COMO SOLO FÉRTIL PARA COLONIZAÇÃO DE DADOS

Todas as evidências vistas na relação das universidades públicas com as *big techs* indicam que o campo da educação superior pública tem um grande potencial para a extração de dados a serem geridos pelas *big techs*, articulados pela “racionalidade neoliberal e pelo *modus operandi* colonialista” (BATARRA, 2022, p.134). A falta de problematização dos responsáveis pelas universidades públicas a respeito da segurança e privacidade dos dados comportamentais, dados de comunicação institucional e de pesquisa, faz com que cada vez mais se tornem alvos fáceis da lógica colonial de dados. Stephane Lima (2020) faz uma análise descritiva dos termos de uso do G Suite for Education e Microsoft 365 nas universidades e identifica que, ao aceitarem os termos e condições de uso, as corporações garantem não utilizar os dados pessoais para fins comerciais. Porém, não é explícito o que podem fazer com os metadados e dados comportamentais em mãos. Dessa forma, toda a produção e informação acadêmica fica à disposição dos interesses privados e, ainda, contribui para o aprimoramento de inteligências artificiais dessas empresas.

Reforçando o conceito de colonialismo de dados, embora seus objetivos não sejam ocupar os territórios físicos, eles buscam captar dados comportamentais para que se crie “comunicação hegemônica nas sociedades do Sul Global” (BATARRA, 2022). Nick Couldry e Ulises Mejias, no livro *Os Custos de Conexão*, fazem um comparativo entre a dataficação e a cadeia de extração da plantação e da fábrica, onde mão-de-obra barata era transformada em riqueza. Agora, transformam nossa experiência, a partir da participação ativa em rede, em mais um modo de contribuição ao capitalismo. Diante do que foi apresentado a respeito do

⁴⁹O avanço do Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas de ensino superior da América do Sul, com Leonardo Cruz – Lavits. Disponível em: <<https://lavits.org/entrevista-o-avanco-do-capitalismo-de-vigilancia-nas-instituicoes-publicas-de-ensino-superior-da-america-do-sul-com-leonardo-cruz/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

sucateamento das universidades, esse espaço, por promover um grande potencial de legitimar ciências não-ocidentais e, também, dados relevantes sobre a sociedade no geral, se torna refém dessa lógica para que seja uma força a menos de resistência e se torne mais uma fonte bastante lucrativa.

Leonardo Cruz (2021), nas descobertas do projeto da educação vigiada, conta das possibilidades de acesso dos órgãos públicos dos Estados Unidos ao banco de dados das big techs. Ele acrescenta que:

A gente começa a pensar como isso é estratégico em relação à produção científica e tecnológica dos países onde esses dados e essas empresas estão. Então, aí há a questão da falta de privacidade em relação às nossas comunicações de pesquisas e como isso pode ser usado para fortalecer as instituições de pesquisa dos EUA. A gente já sabe, por exemplo, que comunicações do governo foram, em 2013, vigiadas em favor de tomada de decisão da Câmara de Comércio dos EUA em acordos internacionais. Não dá para atestar que isso ocorre, mas as condições de possibilidade estão dadas. Porque a gente não tem mais controle dos dados que a gente produz. Não há controle nenhum. Não tem como dizer que não há acesso a esses dados. (LAVITS, 2021)

Podemos observar que há muito o que se desvincular para conquistar de fato a autonomia e um ambiente democrático para a universidade. A partir das análises dos comunicados e entrevistas, é evidente que não há uma grande preocupação sobre o que as corporações podem obter em troca da disponibilidade das ferramentas. Essa dinâmica se apresenta de forma abstrata quando se trata dos efeitos reais que a relação entre essas empresas e as universidades propõe. Ainda sobre as consequências a longo prazo, o professor Vinicius Ramos da UFSC, para o site da APUFSC diz:

“Cada vez mais vão nos colocando dentro de bolhas, onde só sabemos o que procuramos e o que vemos. Assim como quando eu quero almoçar, que eu vou lá e jogo no Google e ele me diz o restaurante mais próximo — que não necessariamente é o melhor, ou o que eu de fato gostaria —, vai acontecer com o que eu vou ler dentro da minha instituição. Estou estudando cálculo, que livro vou ler? Quem vai me dizer não é mais o professor, mas sim um algoritmo, que vai se basear nos mais vendidos, ou na empresa que pagou mais pelo anúncio do livro X. E isso é diretamente relacionado com tudo o que a gente faz, inclusive nossas decisões políticas”. (RAMOS, 2020)

Segundo Batarra (2022), “a assimetria de poder entre essas corporações internacionais e os órgãos nacionais limitam enormemente as perspectivas de proposições para construção de rumos opostos aos que já estão em consolidação” (p.150). Como aponta

Boaventura Santos, a universidade precisa com urgência criar mecanismos de resistência a este cenário. O autor aponta a Pluriversidade⁵⁰ como uma proposta para reconstruir a autonomia das universidades públicas. Essa alternativa corresponde a uma ruptura epistemológica ocidental, levando em consideração que a universidade ainda gira em torno de raízes colonialistas e que essa ruptura deveria ser guiada por outros saberes do próprio Sul Global. Na matéria para o IHU, ele afirma que:

“não é levar a universidade para fora, é trazer o conhecimento não universitário para dentro”. E, por sua vez, “articular os diferentes saberes populares, porque também costuma haver preconceitos entre os diferentes movimentos” (operários, feministas, camponeses, LGBT) (BOAVENTURA, 2018).

Essa, porém, é uma alternativa que exige uma reforma da educação superior brasileira. Por outro lado, pesquisadores apontam iniciativas para reforçar o uso de plataformas educacionais de código aberto e operadas entre instituições públicas. Segundo matéria já citada⁵¹, no momento em que a UFSC ainda estava avaliando as propostas de adesão às ferramentas GAFAM, o professor Vinicius Ramos já reforçava a importância de utilizar ferramentas de softwares livre, de código aberto. Ele aponta que essas ferramentas seriam mais robustas se houvesse uma real preocupação com os dados da comunidade acadêmica, e argumenta que:

Claro que isso vai demandar esforço dentro dos setores de tecnologia, mas a longo prazo teremos muito a ganhar na formação dos cidadãos que estão dentro das universidades. Porque ao delegarmos às grandes empresas as tomadas de decisões de nossas vidas, também estamos perdendo um pouco de cidadania (RAMOS, 2020).

No caso da UFSC, pudemos ver a ferramenta Big Blue Button sendo bastante citada, assim como o Google Meet, porém, evidentemente o que falta era apresentá-la de forma que suprisse todas as necessidades da comunidade acadêmica.

Leonardo Cruz alerta que uma prioridade é a universidade tomar consciência de que isso é uma questão de segurança nacional, pois empresas estrangeiras estão possivelmente com acesso à nossa produção científica, resultados de pesquisas e dados de comunicação

⁵⁰ SANTOS, B. DE S.; GUILHERME, M.; DIETZ, G. Da universidade à pluriversidade: Reflexões sobre o presente e o futuro do ensino superior. Revista Lusófona de Educação, v. 31, n. 31, 2015.

⁵¹CARDIAL, Ilana; FERREIRA, Karina. Pesquisadores alertam para riscos de parcerias entre universidades e empresas de tecnologia. Disponível em: <<https://www.apufsc.org.br/2020/08/05/pesquisadores-alertam-para-riscos-de-parcerias-gratuitas-entre-universidades-publicas-e-empresas-de-tecnologia/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

institucional, mas que não estão sendo postas alternativas contra isso. Ele e outros idealizadores do projeto Educação Viglada estão trabalhando para que, dentro das próprias universidades federais, as tecnologias educacionais sejam gerenciadas por núcleos de pesquisa e alunos.

De acordo Cruz, diante todas as dificuldades de reverter a situação na qual a universidade se encontra atualmente, após anos de ataques, antes de tudo, é importante fomentar essa discussão. Acredito ser fundamental mostrar em que pé que a Universidade Federal de Santa Catarina se encontra diante dessa lógica colonial de dados, para que assim seja possível reconstruir uma universidade autônoma e com sua base democrática consolidada.

4. CONCLUSÃO

Assim como explicado no capítulo inicial deste trabalho, a respeito das metodologias, no início da pesquisa minha intenção era apenas realizar a análise exploratória dos comunicados do Notícias da UFSC para identificar como foi a tratativa da oferta das ferramentas das *big techs*. Porém, após obter poucos dados sobre a posição da universidade em relação a isso, decidi complementar retomando o que foi essa vivência para a comunidade acadêmica através de entrevistas semi-estruturadas. Na busca por estudantes e professores para participação, não recebi a resposta de nenhum dos cinco professores convidados, acredito que por conta do período de férias da universidade. Por conta do tempo hábil que tive, realizei as entrevistas com quatro dos cinco estudantes convidados.

Embora as entrevistas tenham sido realizadas com um pequeno número de pessoas, foi possível, em certa medida, entender o quanto os estudantes estão conscientes das problemáticas que as tecnologias educacionais das grandes empresas apresentam, e que de fato a relação entre as tecnologias GAFAM e a universidade pública são assimétricas, apresentando um crescimento de dependência da comunidade acadêmica às tecnologias. Também foi interessante ver como se seguiu o ensino remoto após o período de decisões da UFSC. Além disso, ao longo da pesquisa, fui encontrando relatos de alguns professores a respeito das tecnologias educacionais através do site da APUFSC, e assim, pude abordá-los no trabalho. Entretanto, não descarto a importância que teria a contribuição das entrevistas com os docentes, para ter uma noção mais ampla dos efeitos que as ferramentas utilizadas para mediação das aulas tiveram. Espero em algum momento poder retomar essa questão em trabalhos futuros, ou então que esse trabalho sirva de incentivo para outros interessados na temática da pesquisa.

Os elementos aqui trazidos como parte do que foi o processo de adesão da UFSC às tecnologias educacionais GAFAM, ou seja, vivenciadas no *online*, são evidenciados com a intenção de manter a comunidade acadêmica atenta às nuances dos riscos que se apresentam. Esses riscos são maiores principalmente agora, que essas empresas detêm muito mais dados do que antes da pandemia. Mesmo num cenário presencial e pós-pandêmico, é necessário estar atento aos desdobramentos da lógica colonial de dados que possam vir a afetar ainda mais o funcionamento da universidade de forma autônoma, pública, gratuita e de qualidade.

REFERÊNCIAS:

BATARRA, Mariella. **“Universidades Federais brasileiras a serviço da lógica colonial de exploração de dados”**. In: Cassino, J. F.; Souza, J.; da Silveira, S. A. Colonialismo de dados como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.p.130- 152.

BOELSTORFF, Tom. **Rethinking Digital Anthropology**. In: Horst, H. A.; Miller, D. Digital anthropology. London: Berg, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARDIAL, Ilana; FERREIRA, Karina. **Pesquisadores alertam para riscos de parcerias entre universidades e empresas de tecnologia**. Disponível em: <<https://www.apufsc.org.br/2020/08/05/pesquisadores-alertam-para-riscos-de-parcerias-gratuitas-entre-universidades-publicas-e-empresas-de-tecnologia/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

CESARINO, Leticia. **Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018**. Manuscrito em desenvolvimento. Disponível em:https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. **“Data Colonialism: Rethinking Big Data’s Relation to the Contemporary Subject”**. Television and New Media, v. 20, n. 4, p. 336-349, 2 set. 2018.

CRUZ, Leonardo; SARAIVA, Filipe; AMIEL, Tel. **Coletando dados sobre o Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas de ensino superior do Brasil**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LAVITS, 6., 2019, Salvador. Anais [...]. Salvador: LAVITS, 2019. Disponível

em: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Cruz_Saraiva_Amiel-2019-LAVITS-1.pdf . Acesso em: 14 jan. 2022.

CRUZ, Leonardo. **O avanço do Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas de ensino superior da América do Sul**, [Entrevista concedida a] LAVITS. 9 set. 2021. Disponível em: <https://lavits.org/entrevista-o-avanco-do-capitalismo-de-vigilancia-nas-instituicoes-publicas-de-ensino-superior-da-america-do-sul-com-leonardo-cruz/>. Acesso em: 23 jan. 2023

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020

EVANGELISTA, Rafael. “**A distopia da aceleração está a caminho?**”. Outras Palavras. 02/04/2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/author/rafael-evangelista/>

FERREIRA, S. R. da S. **O que é (ou o que estamos chamando de) ‘Colonialismo de Dados’?**. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, [S. l.], v. 5, n. 10, 2021. DOI: 10.31657/rcp.v5i10.458. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/458>. Acesso em: 14 jan. 2023.

FERREIRA, Karina. **UFSC avalia parcerias com Google e Microsoft para auxiliar Ensino Remoto**. Disponível em: <https://www.apufsc.org.br/2020/08/05/ufsc-avalia-parcerias-com-google-e-microsoft-para-auxiliar-ensino-remoto/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008.

JORGE, J. Boaventura de Sousa Santos destrincha o assédio neoliberal às universidades.

Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579979-boaventura--de-sousa-santos-destrincha-o-a-sedio-neoliberal-as-universidades>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

LIMA, Stephane. **Educação, dados e plataformas: análise descritiva dos termos de uso dos serviços educacionais Google e Microsoft**. São Paulo: Iniciativa Educação Aberta, 2020. Disponível em: <<https://www.aberta.org.br>>. Acesso em: 26 fev. 2023.

MUNIZ, L. **É preciso combater o colonialismo de dados**. Disponível em: <<https://select.art.br/e-preciso-combater-o-colonialismo-de-dados/>>. Acesso em: 14 jan. 2023.

RIBEIRO, L. et al. **Coletando dados sobre o Capitalismo de Vigilância nas instituições públicas de ensino superior do Brasil**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Cruz_Saraiva_Amiel-2019-LAVITS-1.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

SANTOS, B. de S.; GUILHERME, M.; DIETZ, G. **Da universidade à pluriversidade: Reflexões sobre o presente e o futuro do ensino superior**. Revista Lusófona de Educação, v. 31, n. 31, 2015

SANTOS, Boaventura. **Future-se e o capitalismo universitário**. [Entrevista concedida a] IHU On-line. Instituto Humanitas Unisinos. 08 ago, 2019. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/591753-future-se-e-o-capitalismo-universitario-trata-se-de-transformar-a-universidade-de-um-bem-comum-em-investimento-lucrativo-entrevista-especial-com-boaventura-de-sousa-santos>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SEGATA, Jean. **A colonização digital do isolamento**. Cadernos de Campo, v. 29, n. 1, 2020, p.163-171.

SOLER, R. D. DE V. Y. **Uma história política da subjetividade em Michel Foucault**. Fractal : Revista de Psicologia, v. 20, n. 2, p. 571–582, dez. 2008.

VELHO, Gilberto **“Observando o familiar”** In Individualismo e Cultura, Rio de Janeiro: Zahar. 1987 p.138

ZUBOFF, Shoshana. **Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**, In: Bruno, Fernanda, Bruno Cardoso, Marta Kanashiro, Luciana

Guilhon, e Lucas Melgaço, orgs. *Tecnopolíticas da Vigilância: Perspectivas da Margem*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Tradução: George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DISCENTES (ESTUDANTE C. SISTEMAS DA INFORMAÇÃO)

(Entrevista presencial)

Entrevistadora □ A intenção da entrevista é saber um pouco mais da sua vivência com as tecnologias educacionais que foram utilizadas como mediação das aulas durante o ensino remoto na pandemia de COVID-19. Vou iniciar te fazendo uma pergunta, e ao longo da sua fala, vou dar sequência às outras. Nesta primeira pergunta, gostaria que você contasse um pouco como foi seus primeiros contatos com as tecnologias educacionais, como foi sair de um modelo de ensino presencial para o ensino remoto na pandemia.

C. □ É... Lembro que os professores usavam o Big Blue Button, e eu achava bem ruim, na verdade. Acredito que muito por conta do lugar em que eu morava também, a internet era bem ruim, aqui na Carvoeira. E aí, no início, até perdi algumas aulas.

Entrevistadora □ Por conta da internet mesmo?

C. □ Isso. Claro que o aplicativo poderia consumir mais as funções necessárias para transmissão, acho que o Big Blue Button possui mais funcionalidades que em uma conexão de internet ruim, não vai funcionar.

Entrevistadora □ Entendi. E vocês usavam só essa plataforma?

C. □ Essa era a principal, mas dependia. Alguns professores usavam o Google Meet, o Zoom, e o Zoom é horrível também. O melhor é o Google Meet, acho a melhor plataforma. Os outros tem outras funcionalidades, que dá pra riscar na tela, e tudo mais. Mas o Meet é o mais otimizado deles, principalmente pra quem não tem uma boa conexão.

Entrevistadora □ No Google Meet então, não tinha essas outras funcionalidades?

C. □ Não, tipo, se quisesse passar alguma coisa, tinha que apresentar a tela, mas não era interativa. A Big Blue Button tinha uma funcionalidade que todos os alunos podiam escrever juntos. Isso era legal, deixava a aula mais interativa.

Entrevistadora □ Entendi. Então dentre as ferramentas, você achava que o Google Meet era o mais ideal?

C. □ É. Não conheço todas as funcionalidades do Google Meet, mas sim. Fiz um trabalho sobre a Big Blue Button uma vez, por isso conheço um pouco mais, mas foi focado na usabilidade.

Entrevistadora □ Para assistir as aulas, tanto pelo Big Blue Button, quanto as outras, você usava qual login? Login pessoal ou o IdUfsc?

C. □ Usei o IdUfsc para algumas coisas, mas acho que não foi na pandemia. Usava o meu pessoal mesmo.

Entrevistadora □ Já precisou autenticar alguma vez, alguns dos e-mails, para participar das aulas?

C. □ Acho que não. Não lembro.

Entrevistadora □ Entendi. É... Por onde tu se informava sobre as decisões que eram tomadas na Universidade, em relação a pandemia? Sobre o ensino remoto.

C. □ Hum, não me informava. (risos)

Entrevistadora □ Nem por grupos de amigos ou através dos professores?

C. □ Ah, sim. Acompanhava por alguns amigos. Os professores raramente mandavam e-mail nesse período. Ah, sigo a UFSC no youtube, então, na verdade, quando tinha alguma transmissão do Conselho Universitário, às vezes eu assistia.

Entrevistadora □ E tu lembra de algum debate sobre quais tecnologias poderiam ser utilizadas para mediar as aulas?

C. □ Hum, acho que não. Não lembro. E cada professor usava uma diferente, de vários formatos. Dá pra constar que eu não estava muito interessada (risos).

Entrevistadora □ É difícil lembrar de tudo mesmo. O que você acha que essas empresas, como a Google e Microsoft, ganham quando as universidades públicas usam essas ferramentas?

C. □ Dinheiro? Acho que ganham também no espaço, são ferramentas que a gente acaba usando muito.

Entrevistadora □ Ganham popularidade no caso?

C. □ É. Tipo, o Zoom é muito usado. O Big Blue Button eu nem sabia que existia antes.

Entrevistadora □ Sim. E por que tu acha que isso acontece?

C. □ Acho que a Google é um monopólio, tudo é da Google quase, é muito disseminado.

Entrevistadora □ Aham. Tu participou de alguma capacitação para utilizar essas tecnologias educacionais?

C. □ Capacitação não, fui aprendendo ao longo do tempo, no dia a dia das aulas. O Big Blue Button que eu aprendi no trabalho que eu fiz, sobre usabilidade. Outros grupos falaram de outras mas eu não lembro

Entrevistadora □ Pode me contar mais deste trabalho?

C. □ A gente meio que varreu ali a plataforma e a documentação, pra ver se era consistente, avaliar botões, se era acessível e tal. Fizemos uma checklist da usabilidade. Um dos trabalhos era ver se achava furos na documentação.

Entrevistadora □ Furos na documentação seria o que?

C. □ Documentação do aplicativo mesmo, do site mesmo. Ver se só acessando o site eu conseguia aprender a mexer nele.

Entrevistadora □ E vocês chegaram a ver essa questão de ser uma ferramenta de código aberto, ou não?

C. □ O fato de ser código aberto, não. A gente deve ter comentado, mas não foi aprofundado acho.

Entrevistadora □ Entendi. Me conta um pouquinho sobre a ideia que tu tem, o que tu acha que essas empresas privadas podem impactar estando dentro da universidade, através dessas tecnologias educacionais? Se tu vê algum impacto, ou não.

C. □ Não vejo os impactos. Acho que foi o caminho mais fácil que alguns professores escolheram. A respeito de dados, acho que essas empresas não podem conseguir, então não sei os impactos. Eu sei que outras empresas privadas estão bem presentes, vejo muito isso no CTC.

Entrevistadora □ E tu vê as influências das empresas privadas nesse contexto do CTC?

C. □ Ah sim, lá vejo pessoas que defendem o Future-se. Ali várias pessoas trampam para empresas privadas. Isso sei que tem influência na universidade, mas não entendo muito bem como acontece, só sei que é bem similar ao projeto do Future-se.

Entrevistadora □ Entendi. Tem mais alguma coisa que você queira contribuir sobre o tema? Sobre as tecnologias, suas experiências e tal.

C. □ Hum. É que a gente já usa muito essas ferramentas de empresas privadas em Sistemas da Informação. Então já é automático, acho que não pensamos muito sobre. Vejo também que tem bastante incentivo para ferramentas *open source*, mas também que muitos professores defendem a privatização.

Entrevistadora □ Interessante. Falam sobre isso abertamente sobre isso?

C. □ Sim.

Entrevistadora □ Entendi. Certo, muito obrigada pelas contribuições. Vai ser bem proveitoso para a discussão que o trabalho propõe.

C. □ Ah, que bom. De nada!

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DISCENTES (ESTUDANTE S. ANTROPOLOGIA)

(Entrevista presencial)

Entrevistadora □ Primeiro, obrigada pela participação. A ideia da entrevista é saber um pouco mais de como foi suas experiências com as tecnologias educacionais que foram usadas para mediar as aulas na pandemia. Eu vou começar fazendo uma pergunta, aí você vai falando e vou trazendo outras questões no meio do caminho.

S. □ Tá bom. Peguei o computador para ver se tem coisas que posso relembrar sobre. Tenho uma pasta sobre o ensino remoto.

Entrevistadora □ Que você fez?

S. □ Sim. Muito organizada (risos)

Entrevistadora □ Muito bom, adorei. Hã, queria que tu começasse falando como foi esse primeiro contato, né, com as tecnologias educacionais que foram utilizadas para mediar as aulas. Como que foi isso de ter aulas presenciais e daí começar a ter as aulas remotas, assim, os primeiros contatos.

S. □ Hum... Cara eu lembro pouco, assim. Lembro que tivemos uma semana de aula, onde foram apresentados os programas das disciplinas. Aí lembro que até depois, né, do semestre que ficamos parados, até iniciar as aulas remotas, lembro que eu tava bem perdida, não acompanhava o site da UFSC. Eu via mais pelo Whats, no grupo da turma e pelos meus amigos. Como não tinha nada definido, eu não ficava olhando porque já sabia que não ia voltar, né, tava o caos. Mas aí quando voltou, eu tava na sexta fase, e fiz três disciplinas. Uma delas foi transmitida pela Big Blue Button, e aí a professora também tinha apresentado para gente, o programa. As outras, foi uma que fiz no curso de cinema, com uma turma que eu não conhecia. A professora não sabia mexer nas plataformas, e aí ela mandou e-mail perguntando qual os alunos preferiam fazer. E aí eu não respondi porque não conhecia ninguém. Aí decidiram fazer pelo Discord. Pra que, né? (Risos). Foi muito ruim. Eu já conhecia o Discord, mas não acho intuitiva, principalmente para aulas. Dava vários problemas.

Entrevistadora □ Sim, não tinha visto o uso do Discord para mediação das aulas também.

S. □ Pois é, a ferramenta é mais complexa. Aí a outra disciplina que eu fiz, foi pelo Google Meet, e aí esse foi bem mais tranquilo. Ainda tinha problemas de conexão, às vezes não dava para todo mundo abrir a câmera, mas já foi bem melhor.

Entrevistadora □ E para acessar essas ferramentas, você usava seu e-mail ou o IdUfsc?

S. □ Na que eu fiz do meu curso, eu usava o e-mail da UFSC, no Big Blue Button. Nesse tu entra com o Id mesmo, simples, com a senha. No Discord tive que criar uma conta nova, e no Google Meet usava o gmail mesmo.

Entrevistadora □ E aí tu precisou autenticar alguma coisa?

S. □ Acho que não. Esse e-mail eu já tinha esse e-mail cadastrado no moodle, aí acho que a professora mesmo deve ter pegado pra poder enviar os links certinhos. A comunicação era pelo fórum, né, então ela mandava o link pelo fórum, a gente só entrava.

Entrevistadora □ E tu tinha preferência então pela ferramenta da Google?

S. □ Então, eu gosto, mas a da UFSC não é ruim, a Big Blue Button. Acho que teria sido melhor inclusive, todo mundo usar ele, aí ficava tudo mais concentrado. Não ia precisar ficar criando conta, tipo o Discord. E com o tempo a gente ia aprendendo a usar. Tipo, ele não era o ideal, tinha vários bugs e tal. É uma plataforma que os professores já conheciam também eu acho. Lembro que na época eles tavam ensinando os professores a abrir sala e fechar sala e tal. Então, não teria problema em usar Meet e Zoom, por exemplo, mas aí não ia ter que ficar entrando por diferentes ferramentas, tipo o Zoom que tem que baixar. Então eu não tenho preferência, mas seria bom que fosse tudo em uma ferramenta só.

Entrevistadora □ E tu chegou a participar de alguma capacitação?

S. □ Não, tinha para aluno?

Entrevistadora □ Aham, chegaram a oferecer.

S. □ Ah, não sabia. Mas a maioria eu já sabia mexer assim, já tinha tido reuniões, às vezes entrava com amigos e tal, por causa da pandemia.

Entrevistadora □ Entendi. Tu falou que não acompanhava as notícias pelo Notícias da UFSC, né? Tu acompanhava por grupos, redes sociais?

S. □ Sim. Na verdade nem acompanhava muito porque eu sabia que ia, tipo assim, eu seguia a UFSC no insta e acompanhava alguns sobre as prorrogações, mas ver mais detalhes disso não.

Entrevistadora □ E tu chegou a ver as lives do Conselho Universitário, ou não?

S. □ Hum, não, acho que não. Não acompanhava muito.

Entrevistadora □ Ah bom. Agora vou perguntar um pouquinho mais sobre essas tecnologias da UFSC, para entender um pouco mais o que tu entende que essas tecnologia podem impactar na universidade pública, considerando que são empresas privadas, né, o que tu pensa?

S. □ Ah, na verdade, não pensei muito sobre isso. Eu até achava um pouco estranho assim, por achar que a universidade não tava preparada, talvez, para isso. Não tinha um plano, aí

parecia tudo meio para resolver o problema. Não tipo, “foi feito aqui, vimos que essa plataforma é a melhor pra todo mundo”. Se existia já uma plataforma da UFSC, pra que ter aulas nessas outras, né? Também por que a Google, meu Deus, né, a gente sabe, é uma empresa, a gente esquece que eles lucram mais ainda com isso. Sei que universidades particulares, conheço algumas amigas, não pararam né, durante a pandemia, e lembro que uma amiga falou que era pelo Meet. Outros cursos, tipo do CTC, também usavam muito. Mas nunca pensei nas causas disso.

Entrevistadora □ Entendi. Bom, tem mais alguma coisa que você queira contribuir sobre suas experiências com as tecnologias?

S. □ Hum, acho que não.

Entrevistadora □ Tá, certo. Muito obrigada então.

S. □ Então tá bom, por nada!

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DISCENTES (ESTUDANTE J. PSICOLOGIA)

(Entrevista *online*)

Entrevistadora □ Eu vou te explicar um pouquinho do tema e, em seguida, vou fazer uma primeira pergunta para iniciar a conversa, e ao longo da conversa vou tirando outras dúvidas. Tá bom?

J. □ Beleza.

Entrevistadora □ A pesquisa é sobre as tecnologias educacionais que foram utilizadas durante a pandemia, mas com a ideia de entender como empresas tipo a Google e Microsoft, que são empresas que detém o maior lucro do mercado, e que oferecem essas tecnologias, como elas podem impactar na autonomia da universidade, basicamente.

J. □ Entendi, bem legal o tema.

Entrevistadora □ Obrigada. Então para começar, vou pedir para você contar um pouquinho como foram as aulas, que tecnologias usavam, quais eram as mais usadas. Pode falar o que tu lembrar sobre o teu primeiro contato, quando começou o ensino remoto. Como foi essa transição do presencial para o remoto e tal.

J. □ Hã. Quando a gente entrou no ensino remoto, depois de um semestre sem aula, eu acho, né? Eu não fiz capacitação nenhuma. A gente usava muito o moodle antes já, e muita coisa foi tocada por ali depois. Foi o que a gente mais usou para o ensino remoto. Foi, foi bem esquisito assim iniciar o ensino remoto. No meu curso, antes da pandemia a gente tinha aulas mais positivas, com dinâmica e tal. E aí quando veio a pandemia, começou toda uma discussão, sobre não ter muitas horas de aula *online*. Era tudo muito massante. Então, tipo, o meu curso usou bastante essa parte do assíncrono, eu senti. Só que isso foi uma mudança bem grande pra quem era acostumado a ter o professor bem pertinho e tal. Nesse momento acabou sendo exigido muita autonomia, por não ter tantos encontros síncronos.

Entrevistadora □ Entendi. Tu falou que vocês tinham várias aulas assíncronas, e vocês chegaram a usar outras ferramentas para guiar esse processo? Sei lá, tinham que fazer relatórios ou algo do tipo, ou cada um fazia da forma que preferia esses trabalhos e tarefas?

J. □ Acho que tinha outras ferramentas assim. A gente fazia muito vídeo-podcast, até brincamos que viramos podcaster na pandemia (risos). Fazíamos muitos seminários, então ou era por podcast ou pelo Google Meet, ou uma gravação de áudio e aí a gente editava num site que não lembro o nome agora. Mas ter o Google Meet pago pela UFSC era muito bom assim, por que a gente podia fazer a gravação no Google Meet mesmo, sempre pensando no

assíncrono para poder mandar para todo mundo, e ficava lá salvo. E outra coisa que a gente usou foi o drive, colocamos tudo lá.

Entrevistadora □ Para usar o Meet, e o Google Drive que tu comentou agora, vocês usavam o IdUfsc de vocês, ou o pessoal mesmo. Precisou autenticar alguma coisa?

J. □ Eu não lembro se cheguei a fazer uma autenticação, mas eu usava o e-mail da UFSC mesmo. Tipo lembro que usei muito o drive nessa época, por ter muito material e vídeo pesado, que o meu drive gratuito não ia dar conta, mas não lembro de autenticar nada.

Entrevistadora □ Entendi. Isso que tu falou é interessante. Que vocês usavam o e-mail da UFSC por ter uma capacidade maior de armazenamento.

J. □ Acho que faz diferença porque no meu curso era muito trabalho, e queriam muito trabalho de mídia.

Entrevistadora □ E chegaram a usar outras ferramentas que foram oferecidas pela UFSC, como a Big Blue Button?

J. □ A gente chegou a usar, mas a minha turma sentiu que era muito impessoal. A gente não conseguia ficar todo mundo de câmera aberta e tal. Ficava uma aula pouco interativa. O Meet acabou proporcionando muito mais isso. Alguns professores usavam o Zoom, mas os alunos tinham muita dificuldade de entrar por lá.

Entrevistadora □ Sim. Uma coisa que eu queria perguntar, era se tu chegou a acompanhar as decisões que foram tomadas pelo Conselho Universitário sobre o ensino remoto e as ferramentas que seriam utilizadas, se foi pelo Notícias da UFSC, por redes sociais ou amigos?

J. □ Eu acho que um site confiável era o site da UFSC, mas as pessoas compartilhavam muito pelo instagram e twitter. Eu seguia o CALPSI e o DCE, então acabava me informando mais por eles, e pelo nosso grupo da turma. Mas era sempre uma dúvida assim, ficamos muito tempo num limbo, sem saber o que ia acontecer. Às vezes era difícil achar informações de como seria o remoto, lembro que tinham poucas informações assim.

Entrevistadora □ Quero te fazer algumas perguntas agora mais direcionadas ao problema da pesquisa. Queria saber se tu tem ideia ou tu acha que essas empresas privadas, que oferecem esses serviços, podem impactar ao entrar nos espaços públicos de ensino? Ou se você não acha que tem também.

J. □ Hum, deixa eu pensar um pouquinho... Quando eu pensava, sempre pensava no impacto de elas entrarem na universidade como estudante, que para mim, pensando no impacto individual, eu achava muito bom. Me ajudava muito, era muito útil. Por exemplo, agora que a UFSC parou o contrato com a Google, eu estou tendo que pagar o Google Drive para coisas acadêmicas. Além disso, o Google Meet tinha mais funcionalidades, dava pra fazer coisas

diferentes. Então assim, sempre pensei na minha experiência individual. Só que pensando na universidade como um todo, eu nunca tinha parado para pensar assim, né. Acho que essas empresas têm um interesse econômico de entrar na universidade. Acho que a universidade não consegue produzir ferramentas como as da Google, não sei se tem capacidade própria para produzir um sistema que nem o do Google Drive assim. Não consigo pensar como o Google Drive, além do interesse econômico, qual outro interesse ele pode ter de entrar na universidade, não sei.

Entrevistadora □ É muito abstrato né, tudo que eles podem querer.

J. □ Não quero influenciar na tua pesquisa, mas tipo, talvez tenha algum interesse de estar dentro das pesquisas científicas, ter todo esse armazenamento de dados com eles daí, das pesquisas, dos usuários. Acho que eles devem ganhar muitos usuários assim, várias pessoas experimentam a plataforma por estarem dentro da universidade também. Talvez esses interesses assim.

Entrevistadora □ Sim, total. Tu tinha me falado que agora tu paga, né? Eh, como que foi assim... como que foi avisado para vocês que a Google não ia mais oferecer essa funcionalidade ilimitada. Alguém comentou alguma coisa?

J. □ Foi uma coisa que eu não esperava, acho que vi pelo twitter ou instagram. Só que pra mim tava muito certo, tanto que eu tinha até baixado o Google Drive no meu computador, então tava meio que tudo conectado com o Google Drive da UFSC. E aí eu lembro que corri pra colocar tudo no HD externo, pra não perder nada. Era uma coisa que eu não tava esperando assim. Agora além de pagar, eu uso o OneDrive da UFSC, e coloco tudo lá.. (Neste momento o áudio travou).

Entrevistadora □ Opa, travou.

J. □ Travou?

Entrevistadora □ Sim, o áudio tá se ajeitando ainda... Acho que foi.

J. □ Onde que parou?

Entrevistadora □ Você tava falando que correu pra colocar no HD externo.

J. □ É, tirei tudo do Google Drive, foi bem rápido porque eu não soube muito tempo antes. Não sei se isso é real, não lembro o que eu fiz exatamente, mas que tem o OneDrive da UFSC agora, não sei se confere essa info... (risos)

Entrevistadora □ Hum, não sei...

J. □ Porque eu baixei um OneDrive pela UFSC e eu coloco tudo lá. Acho que tinha uma notícia que a UFSC ia passar do Google Drive pro OneDrive. E agora eu não sei, não sei se eles estão com o OneDrive...

Entrevistadora □ Vou dar uma pesquisada.

J. □ Isso. E eu acho que eu passei daí, pra deixar tudo na nuvem. Só que eu não sei se estão ainda porque meus arquivos estão todos com um xizinho. Mas não sei se é por que não to sincronizando ou por que não tem mais. Mas foi assim, eu comecei a pagar o Google Drive porque eu não sei mexer no OneDrive certinho. Aí comecei a pagar o Google Drive também.

Entrevistadora □ Entendi. Tem muito disso né, de a Google ser mais intuitiva do que outras plataformas. Tu acha que isso é um dos motivos do por que tanta gente acaba aderindo a essas ferramentas?

J. □ Acho que isso faz muita diferença sim. Estamos muito acostumados a usar o Google Drive. Todo mundo compartilha texto lá, faz atividade e artigo junto. Acho que mudar para outras ferramentas seria difícil assim. Às vezes eu falo que tenho o OneDrive e ninguém sabe disso assim. Mas eu uso, e com o IdUfsc. Ele cabe bastante coisa também.

Entrevistadora □ E ele é gratuito oferecido pela UFSC mesmo?

J. □ Isso.

Entrevistadora □ Entendi! Bom acho que tu trouxe coisas muito interessantes. Queria saber se tu tem mais alguma coisa pra contribuir?

J. □ Eu lembro de uma coisa, não sei se é válido falar, mas quando eu fui pro Canadá, também era pandemia. Lá eles pagavam o Zoom, e uma coisa legal era que tinha bastante acessibilidade, tinha tradução na hora, pessoas com deficiência podiam usar bem mais do que o Google Meet. Acho que o Google Meet não foi muito pensado pra acessibilidade. Acho que na pandemia a UFSC ignorou um pouco isso também. E lá eles usam muito o OneDrive, acho que por isso comecei a usar aqui também.

Entrevistadora □ É verdade, aqui acho que o Google Drive ganha em popularidade.

J. □ Sim.

Entrevistadora □ Mas é isso então, tu trouxe coisas bem pertinentes pra discussão que a pesquisa propõe. Muito obrigada!

J. □ Pois é, eu nunca tinha parado pra pensar nisso, é tudo tão automático.

Entrevistadora □ Sim!

J. □ Beleza então! De nada!

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DISCENTES (ESTUDANTE G. ANTROPOLOGIA)

(Entrevista presencial)

Entrevistadora □ O objetivo da entrevista é saber um pouco mais sobre como foi a tua experiência com as tecnologias educacionais usadas para transmissão das aulas durante a pandemia. A ideia do trabalho é evidenciar como se deu a adesão da UFSC às tecnologias educacionais oferecidas por grandes empresas privadas, e como isso se reverbera no espaço público. Certo?

G. □ Entendi.

Entrevistadora □ Então para começar, queria que tu começasse a contar como que foi o processo de transição do ensino presencial para o remoto, como foi teu primeiro contato com as tecnologias educacionais e tal.

G. □ De maneira resumida, pra mim foi bem difícil. Lembro que a UFSC ficou vários meses sem ter aula, acho que uns quatro ou cinco meses, e quando voltou foi bem difícil. Eu nunca tinha tido nenhum tipo de experiência com ensino a distância na minha vida. E pra mim, pelo menos, não sei se é uma questão particular, mas foi muito desgastante. Eu acho que se eu já não tivesse no período final da minha graduação quando começou o ensino remoto emergencial, talvez eu tivesse trancado, ou feito bem menos disciplinas. Só continuei porque faltava muito pouco. E a transição foi bem esquisita nessa questão técnica. Foi todo mundo aprendendo a usar as ferramentas ao mesmo tempo, e a sensação que tinha era que era uma confusão generalizada. Os discentes não entendiam, nitidamente, os docentes também nunca precisaram usar aquilo pra nada. No fim das contas as pessoas foram descobrindo juntas o pouco que conseguiram descobrir. Fiquei sabendo de alguns cursos, mas esse tipo de ação, ela tem uma limitação, acho que ela ajuda até certo ponto, talvez pra ramificar as possibilidades dos docentes assim, mas ela já nasce limitada eu acho, minha experiência diz isso. Então ao longo dos meses todo mundo foi ficando mais habituado, já tinham mais opções de avaliação e opções de troca. O primeiro semestre foi um caos, acho que essa palavra que define. Acho que essas plataformas tem um sentido de serem muito mais acessórias, muito mais secundárias, servindo como um apoio, do que como um espaço pedagógico em si. Então acho que isso também foi uma confusão, em alguns momentos elas foram entendidas como um espaço de aprendizagem, do que como uma ferramenta.

Entrevistadora □ Eu ia perguntar justamente isso assim, a UFSC ofereceu capacitações e tal, mas então tu não fez?

G. □ Não, não fiz nenhuma. Acho que muito por conta da simplicidade. Não sei como outros cursos tenham utilizado o ensino remoto, se aproveitado das opções, acredito que tenham ido para outros lugares que o meu curso não foi. De fato, ficamos bem resumido em videoconferência e materiais via Moodle. Por isso que não fui atrás, mas sei de professores que estavam passando por bastante sufoco, que tiveram que se capacitar. Mas não foi o meu caso, nem dos meus colegas. Desconheço alguém que tenha feito algum tipo de capacitação.

Entrevistadora □ Aham. Tu falou dessa simplicidade, o que tu quis dizer exatamente? Da simplicidade em usar as ferramentas?

G. □ Eu quis mais dizer sobre a profundidade do uso mesmo das ferramentas nas nossas atividades.

Entrevistadora □ Ah sim.

G. □ Que no caso foram mais os materiais que a gente usava pelo Moodle, que a gente já usava antes da pandemia, as videoconferências ao vivo, os fóruns, e acredito que isso.

Entrevistadora □ Entendi.

G. □ Mas falando das ferramentas em si, acho que algumas plataformas são... oferecem coisas diferentes entre si, eu diria. Lembro que alguns professores gostavam mais de usar mais a plataforma do Moodle, o Big Blue Button, do que o Google Meet ou o Zoom. E talvez até por um controle próprio institucional da universidade. Mas sei de outros professores que preferiam o Google Meet. Eu particularmente sempre achei o Google Meet o mais fácil, sempre me senti mais habituado com ele. Outras plataformas tipo o Zoom, eu sempre me senti muito confuso, acho que até hoje eu não sei entrar direito naquele negócio. Mas ainda que o Moodle tenha um controle tenha um controle melhor pros docentes, por já ser uma plataforma institucional, eu sempre senti que o Google dava mais facilidade do que o Moodle assim. No sentido de não dar tanto problema, travava bem menos também, tinha um acesso mais rápido. Sempre achei o Google Meet melhor, mas enfim.

Entrevistadora □ Entendi. Eu vou voltar nisso depois, mas só pra eu não esquecer de te perguntar, tu chegou a acompanhar como foram as decisões da UFSC a respeito do ensino remoto, as reuniões do Conselho Universitário e tal.

G. □ Eu lembro de acompanhar as portarias, acho que tava todo mundo atento sobre voltar ou não, acho que já tinha uma expectativa de que ia retornar depois de alguns meses parado, mas não acompanhei de maneira síncrona. Mas não acompanhei muita coisa não, tava meio *off*, acho que por conta do virtual, da distância.

Entrevistadora □ Entendi. E quando as aulas voltaram, tu teve que fazer alguma autenticação pra usar alguma ferramenta? Usava teu e-mail pessoal ou o IdUfsc?

G. □ Eu entrava pelo Moodle com meu IdUfsc e pelo Google Meet entrava com meu e-mail próprio. Foram essas que usei mesmo.

Entrevistadora □ Voltando a falar sobre as ferramentas. Queria saber um pouco da percepção que tu tem sobre o uso dessas ferramentas de empresas privadas, e que são oferecidas de maneira gratuita, mas com mais capacidade e enfim, mais recursos, para as universidades públicas. Não sei se em algum momento tu chegou a pensar sobre isso, ou não?

G. □ Acho que nunca pensei muito sobre, acho que na época eu tava muito preocupado em terminar a graduação, então tava mais indo com a maré assim. Acho que a minha única preocupação assim sempre foi em acreditar que essas plataformas não se manteriam depois de uma melhora nas condições da saúde. Sempre entendi que elas estavam ali para suprir uma necessidade emergencial que a gente tava tendo, de continuar com as demandas que a universidade tava tendo no período pré vacina. Mas que depois disso, elas se diluíssem e parassem de serem usadas no sentido de ver elas mais como ferramentas do que espaços de aprendizado. Talvez de ver essas plataformas não institucionais, o Google Meet, o Zoom, Discord, enfim, não tive muito contato com outras, mas acho que tudo isso tava mostrando pra gente mesmo que tinha um dia a dia pra ser feito, de ir pras aulas e estar ao vivo em uma sala de aula, de maneira síncrona, enfim, acho que tudo isso mostra que é muito complicado de ser feito de maneira virtual. Então minha preocupação era que isso fosse apenas emergencial mesmo. Mas não pensei muito além disso assim.

Entrevistadora □ Aham. Tu não sente que se criou um esfera de necessidade então depois dessas ferramentas?

G. □ Não sei porque eu não tive mais aulas depois, no presencial novamente. Mas espero que não tenha se criado um sentimento de dependência disso, acredito não tenha se criado. Pelo menos não em todas as áreas, claro que algumas pode ter acontecido isso de maneira mais particular, mas no geral espero que não. Acho que se foi, pode ser um problema pra se resolver a longo prazo.

Entrevistadora □ Sim. E o que tu acha que essas empresas privadas ganham ao oferecer serviços gratuitos e ilimitados para o ensino público? Tu tem alguma visão sobre isso?

G. □ Não sei dizer o que elas podem ganhar com os dados, mas com certeza o lucro delas deve ter aumentado com dois anos de pandemia, tanto pelo número de acessos, quanto, pessoas que em outros contextos não usariam. Acho que todas trabalham muito com essa limitação do gratuito, né, então oferecem pacotes com melhorias que só são desbloqueadas se você paga. Então tanto faculdades privadas, quanto instituições públicas devem ter feito acordos, licitações e enfim, contratos com essas plataformas, a fim de levar as atividades

diárias delas da maneira mais normal possível. E como eu falei, acho que de maneira geral isso, não só o público, devem ter feito esse tipo de contrato, contratado essas plataformas pra oferecer aos técnicos e docentes algum tipo de liberdade para usar as ferramentas. Então devem ter crescido muito, passando por uma transformação, acho que nem só de lucro, mas por serem obrigados a criar novos recursos por conta da demanda da pandemia. Com certeza essas ferramentas devem ter mudado o *modus operandi* delas pra oferecer pro público muito mais.

Entrevistadora Sim. Então tu percebe que elas vão se desenvolvendo e se aprimorando de acordo com a necessidade das pessoas assim?

G. Sim.

Entrevistadora Entendi. Tu pode me falar mais sobre o que tu vê nessa relação entre público e privado? Quais os impactos que podem ter, ou não. Não sei se tu vê alguma questão nisso.

G. Acho que sempre exige muito cuidado e atenção. Acho que perigoso, não sei sei perigoso, mas sim, perigoso, colocar iniciativas privadas dentro de iniciativas públicas. Porque geralmente a gente vê que acontecem iniciativas privadas tentarem cooptar o serviço público. De maneira geral iniciativas privadas tem muitos problemas ao atuar com o serviço público, pelo serviço público não estar tão interessado assim em produção de lucro. Acho que depois do Future-se, essa discussão deixou a UFSC bem atenta. Inclusive é bem interessante que a pandemia veio um ano depois exatamente do Future-se. Lembro que ali na UFSC tivemos a experiência da greve. Greve por causa do restaurante universitário que ia fechar, porque não tinha verba para manter ele, e enfim, várias questões locais ali da universidade, mas no Brasil inteiro as universidades, no governo Bolsonaro, estavam passando por maus bocados. E isso tava acontecendo porque era do entendimento do governo na época, de que deveria ter um aparelhamento, não indireto, mas direto entre as iniciativas privadas e as públicas. E o Future-se era justamente isso, era uma proposta oficial do MEC juntar as universidades públicas com a lógica das universidades privadas. E um ano depois, chegou a pandemia que fez várias iniciativas privadas entrarem nas salas de aula. No fim das contas é isso, a sala de aula na pandemia era um ambiente privado, o que não acontece no presencial. Acho que essa é uma ruptura que tem. Lembro que no início da pandemia isso foi uma grande preocupação do movimento estudantil, por medo de esses modos repercutirem no avanço do Future-se no fim da pandemia. Felizmente as coisas se desenvolveram de outros modos, eu acho, inclusive agora na mudança de governo.

Entrevistadora Entendi. Acho que é isso. Tem mais alguma coisa que tu queira trazer?

G. □ Acho que não.

Entrevistadora □ Então muito obrigada pela participação!

G. □ Foi um prazer! (risos)